



Universidade de Aveiro Departamento de Educação
2012

**Catarina Amélia Alves
Machado Azinhaga**

**Organização das referências bibliográficas:
o uso do EndNote**



Universidade de Aveiro Departamento de Educação
2012

**Catarina Amélia Alves
Machado Azinhaga**

**Organização das referências bibliográficas:
o uso do EndNote**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Didática – Especialização em Tecnologia, realizada sob a orientação científica da Doutora Dayse Neri de Souza, Investigadora Auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Dedico este trabalho aos meus três filhos, ao meu marido e aos meus pais pelo apoio incondicional.

o júri

presidente

Doutora Maria João de Miranda Nazaré Loureiro
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

Doutor António Pedro Dias da Costa
Professor Auxiliar do Instituto Superior de Línguas e Administração de Vila
Nova de Gaia

Doutora Dayse Cristine Dantas Brito Neri de Souza
Equiparada a Investigadora Auxiliar da Universidade de Aveiro
(Orientadora)

agradecimentos

O presente trabalho concretiza-se graças à colaboração e disponibilidade de várias pessoas, a quem eu dou os meus sinceros agradecimentos, em particular:

- a todos os investigadores que participaram no estudo, sem a sua colaboração este trabalho não se concretizava;
- à minha orientadora, Doutora Dayse Neri de Souza, pela dedicação e orientação de todo o trabalho;
- à minha família, pelo apoio incondicional e permanente;
- aos meus amigos e colegas;
- os mestrandos que partilharam comigo esta caminhada;
- todos os Professores com quem aprendi diversas competências ao longo do Mestrado.

Um agradecimento do coração...

Para a minha mãe,

Mãe!

Que verdade linda
O nascer encerra
Eu nasci de ti
Como a flor da terra!

(Matilde Rosa Araújo)

palavras-chave

Software, referências bibliográficas, estratégias, literacia da informação

resumo

A sociedade do conhecimento e da informação é caracterizada pela prioridade da informação e pelas competências necessárias à sua obtenção e utilização. É crucial dar importância à evolução contínua das tecnologias da informação e comunicação.

A sociedade do conhecimento é indissociável das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC).

Devido ao crescimento da produção, da informação e à variedade de meios e suportes em que estas se expressam, há interesse em usar as tecnologias na organização das referências bibliográficas em artigos de investigação, livros, comunicações e dissertações. As tecnologias têm favorecido a organização, sistematização e gestão da bibliografia. Garcia, Roderio e Arévalo (2009) referem que uma das ferramentas de maior utilidade para os investigadores são os gestores de referências bibliográficas pela sua capacidade de compilar, armazenar e formatar a informação em diferentes formatos, fontes e tipos de documentos.

O presente estudo tem como principal finalidade averiguar as estratégias e ferramentas tecnológicas utilizadas pelos investigadores na organização das referências bibliográficas nos projetos de investigação, na Universidade de Aveiro.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas a investigadores da Universidade de Aveiro que utilizam e não utilizam o EndNote, para averiguar as estratégias que usam para a organização das referências bibliográficas.

Para a análise qualitativa de conteúdo foi utilizado o *software* webQDA.

Os resultados obtidos revelam que na opinião dos investigadores o EndNote é uma ferramenta muito útil e facilita a organização das referências bibliográficas.

keywords

Software, bibliografique references, strategies, information literacy

abstract

The knowledge and information society is characterized by the priority of the information and the required competences to obtain and use it. It is crucial to give importance to the continuous evolution of the Information and Communication Technology (ICT).

The knowledge society is not dissociable from Information and Communication Technology.

Due to the growth of production of information and to the variety of means and media and in which they are expressed, there is interest in using technology in the organization of bibliographic references in research articles, books, communications and dissertations. Organization and management of bibliographic references have benefited from technologies. Garcia, Roderio and Arévalo (2009) refer that one of the most useful tools for researchers are the managers of bibliographic references for their ability to compile, store and format the information in different formats, sources and types of documents.

The main purpose of this study is to ascertain the strategies and technological tools used by researchers in organization of bibliographic references of research projects at the University of Aveiro.

Semi-structured interviews have been conducted with researchers of University of Aveiro, using and not using Endnote, to find out the strategies they use to organize the bibliographic references.

For the content quality analysis it was used webQDA *software*.

The obtained results reveal that researchers believe that the EndNote is a very useful tool and it facilitates the organization of bibliographic references.

Índice

LISTA DE QUADROS	5
LISTA DE IMAGENS.....	5
INTRODUÇÃO	7
PARTE I	11
CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
1.1 Literacia da informação.....	13
1.2 Sociedade da informação	15
1.2.1 Tecnologia da informação.....	18
1.2.2 Ferramentas tecnológicas.....	20
1.2.2.1 Importância das ferramentas tecnológicas na educação	21
1.2.2.2 Importância das ferramentas tecnológicas na investigação.....	23
1.2.2.3 EndNote.....	26
1.3 Organização bibliográfica em trabalhos científicos	29
PARTE II.....	33
CAPÍTULO II – ESTUDO EMPÍRICO.....	35
2.1 Opções metodológicas	35
2.1.1 Questão de investigação e objetivos do estudo.....	35
2.1.2 Caracterização do estudo e sua natureza.....	36
2.2 Os participantes do estudo.	38
2.3 Instrumento de recolha: Entrevista	40
2.3.1 Preparação da entrevista.	40
2.3.2 Conceção do guião da entrevista	41
2.3.3 Entrevista piloto	42
2.3.4 Realização das entrevistas	43
2.3.5 Confiabilidade das entrevistas.....	44

2.3.6 Vantagens e limitações das entrevistas	45
2.4 Procedimentos relativos à recolha de dados.....	47
 CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	49
3.1 Caracterização dos participantes da investigação	49
3.1.1 Género e idade dos participantes da investigação	50
3.1.2. Área de investigação e uso ou não do EndNote	50
3.1.3 Nível Académico e o uso ou não do EndNote	51
3.2 Análise e discussão dos dados resultantes das entrevistas	52
3.2.1 Análise das vantagens de utilizar o EndNote na escrita de referências bibliográficas	53
3.2.2 Análise das vantagens de utilizar o EndNote na organização da bibliografia.....	56
3.2.3 Análise das desvantagens, de não utilizar o EndNote, na escrita de referências bibliográficas	60
3.2.4 Análise das desvantagens da não utilização do EndNote na organização da bibliografia.....	63
3.2.5 Análise global do EndNote	65
3.2.6 Recomendações dos investigadores	66
3.2.7 Tempo gasto a inserir dados no EndNote	68
3.2.8 Dependência em relação ao uso do EndNote	70
3.2.9 Dificuldades Iniciais	71
3.2.10 Organização das referências bibliográficas manualmente	73
3.2.11 Importância do EndNote	73
3.2.12 Aspetos do EndNote que mais gostou e que menos gostou.....	75
 CAPÍTULO IV – CONCLUSÕES E LIMITAÇÕES DO ESTUDO	77
4.1 Conclusões.....	77
4.2 Limitações do estudo	78
4.3 Sugestões para investigações futuras	79

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	81
6. APÊNDICE	87
6.1 Quadro X – Objetivos do uso do EndNote	87
6.2 Quadro Y – Objetivos de não usar o EndNote.....	89
6.3 Guiões de entrevista	91
6.3.1 Guião da entrevista para investigadores que utilizaram o EndNote....	91
6.3.2 Guião da entrevista para investigadores que não utilizaram o EndNote	94

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Género e idade dos participantes	50
Quadro 2: Relação da área de investigação e utilizadores do EndNote	51

LISTA DE IMAGENS

Esquema 1: Visualização dos nós em árvore	52
Imagem 1: Vantagens na escrita de referências bibliográficas por investigadores que utilizaram o EndNote	53
Imagem 2: Vantagens da organização de referências bibliográficas por investigadores que utilizaram o EndNote	56
Imagem 3: Desvantagens na escrita de referências bibliográficas por investigadores que não utilizaram o EndNote	60
Imagem 4: Desvantagens na organização de referências bibliográficas por investigadores que não utilizaram do EndNote	64
Imagem 5: Análise global do EndNote	65
Imagem 6: Recomendações feitas por investigadores	67

INTRODUÇÃO

O aparecimento das novas tecnologias tem promovido uma considerável rapidez no disseminar da informação e comunicação. Através de variadas formas as tecnologias invadiram as vidas, o trabalho e a maneira de ver o mundo alterando de forma prática as vivências entre as pessoas e o trabalho.

A entrada das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no quotidiano das pessoas exige novas competências associadas à partilha de informação e o trabalho em equipa. Assim sendo, o sucesso dos indivíduos na sociedade exige capacidade de comunicação, partilha, mobilização de informação para a resolução de problemas variados, capacidade de adaptação e de inovação face a uma realidade cada vez mais exigente em permanente e rápida mudança. É cada vez mais importante ser capaz de rentabilizar o potencial da tecnologia para criar novos conhecimentos e ampliar a produtividade, pois com os desafios da globalização da sociedade da informação, coloca aos cidadãos a necessidade de se envolverem em práticas de aprendizagem ao longo da vida. As TICs vêm contribuir não apenas numa mudança constante a que a sociedade está sujeita, mas também, as novas tecnologias vêm introduzir novos pacotes de *software* de apoio ao ensino e na organização de referências bibliográficas que poderão ser úteis para o trabalho dos estudantes e investigadores, na escrita de trabalhos científicos.

No Ensino Básico e Secundário, tal como no Ensino Superior existem meios disponibilizados de acesso à informação, tais como o Moodle e outras plataformas ligadas à internet, além de variados recursos que disponibilizam conteúdos e o acesso a uma panóplia de recursos. Por experiência própria de lecionar a disciplina de matemática num Agrupamento de Escolas, há diariamente um maior acesso às novas tecnologias, tanto na sala de aula, como no trabalho de casa. No Moodle são disponibilizadas fichas e conteúdos de interesse para os alunos e na prática corrente em sala de aula, com os videoprojectores, os quadros interativos e as aulas interativas que os próprios

manuais escolares disponibilizam nos *sites*, resultado do Plano Tecnológico da Educação (PTE) que equipou as escolas com material informático. No nosso trabalho, interessa desenvolver as competências em TIC e a cultura tecnológica na educação e na investigação.

Assim, partimos para este estudo, tendo consciência de que as Tecnologias da Informação e Comunicação têm introduzido mudanças na sociedade e têm-se revelado úteis em muitos setores da sociedade, tal como já referia em 1997 o *Livro Verde*, onde se lê:

“As tecnologias da informação e das comunicações são já parte integrante do nosso quotidiano. Invadiram as nossas casas, locais de trabalho e de lazer. Oferecem instrumentos úteis para as comunicações pessoais e de trabalho, para o processamento de textos e de informação sistematizada, para acesso a bases de dados e à informação distribuída nas redes eletrónicas digitais, para além de se encontrarem integradas em numerosos equipamentos do dia-a-dia, em casa, no escritório, na fábrica, nos transportes, na educação e na saúde. A sociedade da informação não pertence a um futuro distante. Assume uma importância crescente na vida coletiva atual e introduz uma nova dimensão no modelo das sociedades modernas” (p.9).

Este trabalho surge no âmbito do curso de Mestrado em Didática – Especialização em Tecnologia da Universidade de Aveiro, frequentado durante os anos letivos de 2010/11 e 2011/12. A escolha desta pós-graduação reflete o interesse pessoal da problemática das estratégias de organização das referências bibliográficas pelos investigadores e a importância deste estudo para investigações futuras. Na área da investigação científica, em tempo parcial e total, usando a tecnologia e nomeadamente na parte da organização das referências bibliográficas existem ferramentas que são eficazes e tornam o trabalho menos moroso e com maior qualidade. A partir de algumas conversas

informais com colegas investigadores, entendemos que seria interessante saber até que ponto o uso das tecnologias facilita o trabalho na organização das referências bibliográficas.

Apresentamos algumas das razões que nos levam a expor o presente estudo. Em primeiro lugar existe um motivo pessoal, pois aquando do primeiro ano de mestrado, o conhecimento do EndNote¹ como ferramenta tecnológica para a escrita das referências bibliográficas, causou algum constrangimento relativamente à utilização das ferramentas tecnológicas para a organização das referências bibliográficas. Assim, houve a necessidade de partilhar experiências e de saber a opinião de investigadores sobre o EndNote. Em segundo lugar, uma das razões mais comuns dos autores para não escreverem artigos científicos, segundo Rokni, Ahmad e Rokni (2010) é a de não terem tempo. Contudo, usando *software* adequado e aproveitando as utilidades disponibilizadas pela internet, permite uma grande vantagem como mencionado por Rokni et al. (2010) desde que haja vontade para tal e salientam que na maioria das Universidades e Institutos Académicos se dê cada vez mais importância, ao número bem como à qualidade, dos artigos publicados. Para a avaliação de trabalhos publicados existe o ARWU², denominado de Ranking Mundial Académico das Universidades, como refere um relatório da Universidade do Porto (2012) em que os trabalhos publicados na Web of Science são cuidadosamente avaliados e selecionados. Existem *rankings* sobre a publicação de artigos nas Universidades e Institutos Superiores e cada vez mais, são comparadas entre os seus pares.

O EndNote, é um gestor de referências bibliográficas que está anexado ao Word e pode criar uma base de dados para armazenar referências bibliográficas importadas ou adicionadas manualmente de acordo com as normas bibliográficas existentes. É utilizado por investigadores para a organização das referências bibliográficas.

¹ *Software* desenvolvido pela Thomson Reuters

² URWU- Academic Ranking of World Universities

A presente dissertação encontra-se dividida em duas partes, correspondendo a quatro capítulos, sendo o primeiro referente à componente da revisão da literatura e os restantes à componente da apresentação do estudo empírico.

No Capítulo I- Referencial teórico, incluímos uma revisão relativamente às ferramentas tecnológicas utilizadas para a organização das referências bibliográficas e as suas funcionalidades na investigação.

No Capítulo II- Estudo empírico, começamos por analisar o contexto em que foi desenvolvido o estudo, e apresentamos de seguida as opções metodológicas, a questão de investigação orientadora do processo de recolha de dados e também os instrumentos de recolha de dados.

No Capítulo III- Apresentação e análise de resultados, fazemos uma apresentação dos dados recolhidos, através do *software* utilizado, resultado de análise qualitativa.

No Capítulo IV- Conclusões e limitações do estudo, apresentamos as conclusões relativas ao estudo com os investigadores, algumas limitações do estudo, bem como sugestões para investigações futuras.

PARTE I

CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, começamos por refletir sobre a problemática da literacia da informação, das tecnologias da informação em que estão englobados os gestores de organização das referências bibliográficas e a integração das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) em contexto educativo e os desafios que representa para os professores, para a escola e para o sistema educativo em geral, bem como o seu contributo na investigação. De seguida, procuramos sintetizar algumas perspetivas sobre a integração das TIC na educação, com experiências da prática em sala de aula e sobre as TIC na investigação.

1.1 Literacia da informação

A literacia tem sido muitas vezes associada às competências de leitura, escrita e cálculo, como refere Lopes (2011) e são imprescindíveis para a interpretação e utilização da informação no dia a dia. E indo ao encontro da visão da UNESCO (2007) este conceito tem-se alargado juntamente com o próprio conceito de leitura, pois a UNESCO (2007) defende fortemente a construção de sociedades do conhecimento onde o poder da informação e da comunicação ajuda as pessoas a terem acesso ao conhecimento de que precisam para melhorar as suas vidas diárias e atingir o seu potencial. Cada vez mais o conceito de literacia da informação é considerado como crucial. É importante porque permite que as pessoas saibam lidar com o desafio de saber utilizar a tecnologia de informação e comunicação.

Já SCONUL (2011) refere que a Literacia da Informação é um termo genérico que engloba conceitos como digital, visual e literacias nos meios de comunicação, alfabetização académica, tratamento da informação, competências de informação, tratamento de dados e gestão de dados.

Além disto, a expansão dos meios de comunicação nas últimas duas décadas trouxe consigo expressões como literacia do audiovisual e literacia informática, entre outras. Devido ao conceito de literacia ser abrangente em várias áreas, como refere Bhola (1998) esta é seguramente uma das razões porque cada vez mais autores usam a palavra no plural.

Os governos, organizações intergovernamentais e não-governamentais, universidades, sociedade civil e setor privado chegaram à conclusão de que os computadores, a internet, e dispositivos sem fios estão a fomentar mudanças profundas na forma como as imagens, voz e as informações estão a ser criados, transmitidos, acedidos e armazenados, como indica a UNESCO (2007). Este órgão também conclui que a aprendizagem do computador e das tecnologias dos média não são suficientes, pois as nações, instituições e indivíduos recebem todos os dias contributos importantes da sociedade do conhecimento.

À luz do desenvolvimento rápido e contínuo da tecnologia digital, os indivíduos, como refere Eshet (2004) são obrigados a usar uma crescente variedade de técnicas cognitivas e sociológicas, capacidades para realizar tarefas e resolver problemas em ambientes digitais.

No entanto, a Proclamação de Alexandria adotada por Colóquio de Alto Nível e Informações sobre Alfabetização e Aprendizagem ao longo da vida, em novembro de 2005, define a literacia da informação, como referido em UNESCO (2007) como um meio para “capacitar as pessoas em todas as esferas da vida para buscar, avaliar, usar e criar a informação de forma eficaz para alcançar o seu pessoal, social, profissional e objetivos educacionais” (p.5).

Na era digital, como refere UNESCO (2007) a compreensão das tecnologias não é suficiente, pois o que todos devem fazer é aprender como utilizar as diversas tecnologias de forma eficiente e eficaz para pesquisar, recuperar, organizar, analisar, avaliar a informação e usá-la para especificação da tomada de decisão e resolução de problemas. Literacia da informação é descrito como refere UNESCO (2007) na Proclamação de Alexandria de 2005,

como o objetivo da sociedade da informação ser o de abrir caminho para a prosperidade, desenvolvimento e liberdade.

No desenvolvimento dos padrões de aprendizagem, expressão cultural, participação social, e fornecendo oportunidades para o desenvolvimento, a literacia da informação é o cerne da UNESCO para a construção do conhecimento nas sociedades.

1.2 Sociedade da informação

Todos compreendemos que vivemos numa sociedade de informação, do séc. XXI, em que a sociedade está permanentemente a receber e a fornecer informação. Temos que saber gerir essa informação e saber interpretá-la no contexto de cada um, pois a informação nem sempre é útil da mesma maneira para não sofrer de “infoxicación”, conforme mencionado por Cornella (2001). Ele define como o momento em que há uma saturação de informação, que é procedente de várias fontes, que nós somos incapazes de processar e vai-se multiplicando com a presença de internet.

Mattelart (2003) afirma que não é concebível uma sociedade industrial sem fábricas ou sem redes rodoviárias e marítimas de comunicações e transportes. Também não se pode criar uma nova sociedade, designada por sociedade da informação e do conhecimento sem as TIC.

A comunicação foi sempre importante para a construção do conhecimento humano e com as TIC a difusão da informação tornou-se mais fácil mesmo em espaços e tempos de difícil acesso, para uma grande parte da população mundial.

Segundo Castels (1996 citado por P.Vieira,2008) para as sociedades se adaptarem às novas oportunidades e potencialidades emergentes, é necessário: fomentar o progresso de competências institucionais para planeamentos de investimentos em TIC; dispor de investimentos necessários para o crescimento e aplicação das TIC; executar os investimentos essenciais ao nível de recursos

humanos, infraestruturas essenciais e instituições; obter e adequar o conhecimento disponível noutros locais e desenvolver a criação de conhecimento a nível local; facultar o livre acesso às TIC, abrangendo os grupos sociais mais vulneráveis; estimular o uso da informação e das tecnologias de comunicação, sendo que estas contribuem para aperfeiçoar o conhecimento e a vida das pessoas.

Nas últimas décadas, pode-se notar a reafirmação do que Castels (2000 citado por Silva, Andretta e Ramos, 2011) denominou de Sociedade da Informação, pois cada vez se nota que a informação é processada a um ritmo elevado. Para Cornella (2001 citado por Álvarez,1999) são dois os critérios que permitem dizer se uma sociedade pode ser chamada de “Sociedade da Informação”: primeiro, o grande número de pessoas trabalhando essencialmente com informação, e suas tecnologias, e segundo, o alto índice de consumo de informação em qualquer formato.

A “Aldeia Global”, como designou McLuhan³ para se referir à globalização e que é potenciada pela constante evolução tecnológica: “O mundo em que vivemos, aprendemos e competimos, apresenta várias características que não podemos, nem devemos escamotear: globalidade, virtualidade, aceleração, *networking*, conectividade, ubiquidade da comunicação, são algumas das marcas que marcam o nosso quotidiano” (Matos, 2010, p. 13). A evolução da tecnologia é cada vez mais rápida e é importante dar voz à inovação, criatividade e mudança que a utilização das tecnologias pode impulsionar. Matos (2010) defende que é importante agir de forma inteligente e compreender as tecnologias e tirar o melhor partido das oportunidades que a evolução da tecnologia gera no mundo atual.

A evolução da tecnologia é cada vez mais rápida e é importante dar voz à inovação e à mudança que a utilização das tecnologias pode impulsionar, como refere (Matos, 2010). O mesmo autor defende ainda que é importante agir de forma inteligente e compreender as tecnologias, bem como tirar o melhor partido das oportunidades que a evolução da tecnologia gera no mundo atual.

³ McLuhan(1967) *The Medium is the Message: An Inventory of Effects*, Harmondsworth. Penguin.

Há um conceito que importa lembrar associado à sociedade do séc. XXI, atualmente, e que já se adotou no passado Barbosa (2009), em que, de acordo com A. Vieira (2005), é uma sociedade em que o acesso tecnologicamente facilitado à informação contribui de forma decisiva para a construção do conhecimento, ou seja, para a capitalização global da informação. Tal como referia o livro verde, em 1987,

“Sociedade da Informação refere-se a um modo de desenvolvimento social e económico em que a aquisição, armazenamento, processamento, valorização, transmissão, distribuição e disseminação de informação conducente à criação de conhecimento e à satisfação das necessidades dos cidadãos e das empresas, desempenham um papel central na atividade económica, na criação de riqueza, na definição da qualidade de vida dos cidadãos e das suas práticas culturais” (p.9).

Desta forma, considera-se que a sociedade da informação é indissociável do desenvolvimento tecnológico, sendo entendida como um desafio, com vista a alcançar a designada sociedade do conhecimento, como refere (Barbosa, 2009). A quantidade de informação disponível aumenta a uma velocidade vertiginosa e está em permanente evolução. Gantz e Reinsel (2010) já preveem que a quantidade de informação digital disponível em 2020, contemplando os formatos mais comuns (voz, televisão, rádio, imprensa), crescerá para cerca de 35 triliões de gigabytes.

O Conselho Europeu de Lisboa, em Março de 2000 reconheceu que a Europa enfrenta dificuldades para se adaptar à globalização e à transição para as economias baseadas no conhecimento, como refere CEC⁴ em 2005 em que ressaltou que todos os cidadãos devem ser equipados com as capacidades necessárias para viver e trabalhar nesta nova sociedade da informação e um

⁴ CEC. (2005). *Proposal for a recommendation of the European Parliament and of the Council on key competences for lifelong learning*. Brussels, 10.11.2005. COM(2005)548 final. 2005/0221(COD): COMMISSION OF THE EUROPEAN COMMUNITIES.

quadro europeu que defina as novas competências básicas, as TIC e o empreendedorismo, para além da literacia e a numeracia, que serão aprendizagens proporcionadas ao longo da vida de cada um, a saber: competências nas TIC, línguas estrangeiras, cultura tecnológica, espírito empresarial e competências sociais.

Em Portugal, no âmbito das políticas educativas adotadas em estreita relação com o compromisso europeu – Estratégia de Lisboa e Programa Educação e Formação 2010 –, foi criado o Plano Tecnológico da Educação (PTE) (Resolução do Conselho de ministros nº. 137/2007, de 18 de Dezembro) que, para além de reconhecer a necessidade de reforço da qualificação e das competências dos portugueses para a construção da sociedade do conhecimento em Portugal, o Ministério da Educação (2008) considerou ser essencial valorizar e modernizar a escola, criar condições físicas que favoreçam o sucesso escolar dos alunos e a consolidação do papel das TIC enquanto ferramenta básica para aprender e ensinar nesta nova era.

Para conseguir viver nas sociedades contemporâneas e perceber os seus complexos mecanismos de funcionamento é necessário gerir uma gama variada de informações, como afirma Benavente, Rosa, Costa, e Ávila (1996) que nos chegam de várias formas.

1.2.1 Tecnologia da informação

“As tecnologias da informação são responsáveis por permitir não só uma maior comunicação e interação entre pessoas, como também possibilitam um entrosamento entre pessoas e máquinas e entre máquinas e máquinas” Castro (2000 citado por Silva et al,2011,p.420).

“Tecnologia baseada na eletrónica e dirigida ao tratamento da informação, compreendendo toda a tecnologia informática e das

telecomunicações, juntamente com partes da eletrônica de consumo e radiodifusão. Suas aplicações são industriais, comerciais, administrativas, médicas, científicas, profissionais e domésticas” Cunha e Cavalcanti(2008 citado por Siva et al.,p.421).

As tecnologias são um recurso essencial no séc XXI, pois estamos numa era de informação e cada vez mais precisamos das tecnologias para o trabalho e para a nossa vida do dia a dia.

As novas tecnologias, segundo Gouveia e Gaio (2004) construídas na sociedade e no trabalho acarretaram profundas transformações no campo social e individual pois influenciam de forma drástica a vida humana, o tempo e o espaço. Como a informação, a sua correta utilização, a pesquisa, armazenamento e tratamento desta são essenciais na sociedade.

P. Vieira (2008) refere que uma vez que a sociedade e o mercado de trabalho são cada vez mais exigentes, além de ser indispensável criar as competências, não sendo apenas suficiente manusear convenientemente as tecnologias.

Assim, a informação acumula-se em bancos de dados acessíveis, como refere Ministério Ciência Tecnologia (1997):

“O seu tratamento rápido e sofisticado tornou-se possível. A digitalização das bibliotecas, dos centros de documentação, arquivos e museus, possibilita hoje uma difusão rápida, através de novas tecnologias, da informação, do conhecimento acumulado, anteriormente só acessível a elites. É esta a sociedade cognitiva a cuja construção assistimos”(p.16).

Assim, como refere Silva, Andretta, e Ramos (2011), verifica-se o uso crescente das tecnologias da informação para controlar, gerenciar e filtrar as informações disponíveis. Afirmam ainda que na realidade as tecnologias da informação por si só não tornam as pessoas aptas a recuperar, organizar e sintetizar a informação, pois essas habilidades dependem exclusivamente de

fatores sociocognitivos; no entanto, na condição de ferramentas, elas contribuem acelerando e facilitando processos.

A capacidade de tornar-se eficiente no cumprimento de tarefas a partir do uso das tecnologias da informação, tem tornado esse domínio uma exigência para os mais diversos profissionais que trabalham direta ou indiretamente com a informação.

A difusão das tecnologias de informação e comunicação (TIC) fazem com que a tomada de decisões, a partilha de informação e o trabalho em equipa alterem a natureza do trabalho. Assim, o sucesso dos indivíduos na sociedade exige capacidade de comunicação, partilha, mobilização de informação para a resolução de problemas complexos, capacidade de adaptação e de inovação face à realidade cada vez mais exigente e em mudança permanente e rápida. É cada vez mais importante ser capaz de rentabilizar o potencial da tecnologia para criar novos conhecimentos e ampliar a produtividade.

1.2.2 Ferramentas tecnológicas

Na formação de cada indivíduo e com as exigências profissionais do mundo atual, os estudantes, professores e os investigadores têm de saber utilizar as ferramentas tecnológicas no sentido de facilitar o trabalho.

Os estudantes, que nasceram na era da tecnologia, têm facilidade em utilizar os variados tipos de *software* no sentido de os ajudar no desenvolvimento da sua aprendizagem e do seu trabalho.

Os investigadores devem saber gerir e organizar as referências bibliográficas, quando fazem projetos de pesquisa e quando se trata de escrever um trabalho de investigação. Se existirem no mercado ferramentas tecnológicas que facilitem o trabalho dos investigadores, quando se faz a revisão da literatura, devem ser utilizadas como forma de tornar o trabalho menos moroso e também outras ferramentas que auxiliam o investigador.

1.2.2.1 Importância das ferramentas tecnológicas na educação

A Tecnologia e a sua utilização sempre foi uma preocupação, como refere Marques (2009), que já Thomas A. Edison ⁵ dizia em 1913, que os livros, em breve, estarão obsoletos na escola e é possível tocar em cada ramo do conhecimento humano, com imagens em movimento. E acrescenta, em 1922, Thomas Edison, como refere Cysneiros (1999) que “ o filme está destinado a revolucionar o nosso sistema educacional e que em poucos anos suplantará em muito, senão inteiramente o uso de livros didáticos” (p 13).

E, num poema escrito por uma professora, da mesma época que Thomas Edison, que ilustra bem o sentimento do educador que se sente ultrapassado pelo discurso das maravilhas de novas tecnologias na educação:

“O Senhor Edison nos diz
Que o rádio superará o professor.
Já se pode aprender línguas pela *Victrola*
E o filme dará movimento
Àquilo que o rádio não conseguir.
Professores passarão
Como passaram carros de bombeiro a cavalo
E damas de cabelos longos.
Talvez eles sejam mostrados em museus
E educação será um pressionar de botões.
Oxalá haja lugar para mim no painel de controle”⁶(p.13).

Podemos verificar que há já alguns anos que se sente uma preocupação pela tecnologia e como ela pode transformar o ensino- aprendizagem.

Hoje em dia, como refere Area (2000 citado por Coutinho, 2009) ninguém questiona o grande impacto social, cultural e educativo das tecnologias da comunicação, a necessidade de formação específica na área e do

⁵ Thomas A. Edison foi um dos precursores da revolução tecnológica do século XX. Inventor do telégrafo, do gramofone e da lâmpada elétrica.

⁶ Tradução de (Cysneiros, 1999)

papel da escola na procura de respostas e soluções para as questões da sociedade da informação.

Para o desenvolvimento da sociedade da informação, foi criado o Plano Tecnológico da Educação (PTE) e o Ministério da Educação (2008) definiu os seguintes objetivos:

- Atingir uma média de 2 alunos por computador com ligação à Internet (em 2006 era 9,6 alunos por computador);
- Equipar todas as salas de aula com videoprojector;
- Assegurar em todas as escolas acesso à Internet a pelo menos 48 Mbps;
- Adotar um cartão eletrónico de identificação para todos os alunos;
- Massificar o uso de meios eletrónicos de comunicação, fornecendo endereços de correio eletrónico a todos os alunos e professores;
- Assegurar que 90% dos professores e 50% dos alunos certifiquem as suas competências em TIC.

Há mais de 20 anos que estamos a observar nas escolas uma evolução ao nível das tecnologias, como é também evidente a preocupação do Ministério da Educação em impulsionar a utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na educação. O projeto pioneiro chamou-se *MINERVA* (Meios Informáticos no Ensino: Racionalização, Valorização, Atualização) de 1985 a 1994. Posteriormente, em 1996, foi lançado o projeto *NÓNIO* entre 1996-2002 e mais tarde o projeto *UMIC* entre 1997 e 2003 com o intento de colocar banda larga em todas as escolas.

Assim sendo, as escolas foram equipadas com meios técnicos e humanos para que a tecnologia possa dar o seu contributo para o ensino/ aprendizagem. Para além da plataforma Moodle e de todas as vantagens por ela fornecida, para além dos videoprojectores, os quadros interativos vieram dar uma dinâmica diferente às aulas, como por exemplo, na disciplina de Matemática,

como refere Sir John Daniel ⁷(2001), referido por Pinto (2002), em que as TIC têm associadas duas componentes de transformação essenciais ao processo educativo, pois colocam os sujeitos numa relação com o conhecimento e facilitam e enriquecem a interação entre as pessoas.

Com o investimento feito pelo Ministério da Educação com o PTE, de impulsionar a utilização das TIC na educação, faz sentido usufruir dos recursos com que as escolas foram equipadas. No Ensino Secundário, nomeadamente no 12.º ano, poderá ser feita uma sensibilização dos alunos para o uso das ferramentas tecnológicas, através da elaboração de projetos orientados para o tipo de *software* usado no Ensino Superior. Podem ser aproveitados os meios e o espaço proporcionado pelas Bibliotecas Escolares para formações sobre as novas tecnologias, no sentido dos alunos no futuro já terem uma formação sobre os pacotes de *software* utilizados e que podem ser vantajosos no Ensino Superior.

1.2.2.2 Importância das ferramentas tecnológicas na investigação

O Livro Verde, também faz referência às tecnologias na investigação, Ministério Ciência Tecnologia (1997),

“A Investigação Científica e o Desenvolvimento Experimental além de representar um investimento no futuro do país, é também um pré-requisito para a plena transição da sociedade atual para um modelo de sociedade baseada na informação e no conhecimento. A sociedade

⁷ Sir John Daniel, President and C.E.O (*Chief Executive Officer*) of Commonwealth of Learning, Globally Recognized Leader and Scholar in Education from 2004-2012 (<http://blogs.technet.com/b/cdnitmanagers/archive/2011/01/24/sir-john-daniel-president-and-ceo-commonwealth-of-learning-globally-recognized-leader-and-scholar-in-education.aspx>)(15.11.2012)

emergente exige um contínuo fortalecimento da interação entre os sistemas científico, tecnológico, educacional e a indústria nacional. A Investigação e Desenvolvimento deverá realizar-se num contexto de colaboração internacional sendo determinante, no caso português, a sua inserção nos programas Comunitários e Internacionais” (p.120).

Existem atualmente ferramentas que ajudam no trabalho do investigador, ao nível da análise de conteúdo (Nvivo, webQDA), ao nível de gestão de referências bibliográficas (Mendeley, EndNote), ao nível da análise quantitativa (SPSS, Excel), para elaboração de diagramas como o Mind Manager e o Inspiration, etc... Há uma variedade de programas, pacotes de *software* e de recursos facilitadores para o trabalho de investigação.

No âmago das tecnologias da informação, a pesquisa feita por Silva et al. (2011) foi ao encontro das necessidades de estudantes, investigadores, bibliotecários e demais profissionais que atuam essencialmente como especialistas em informação, dentro ou fora de bibliotecas ou unidades de informação, à medida que precisam de organizar e localizar suas informações bibliográficas (Silva et al., 2011). A Informação bibliográfica é definida por Cunha e Cavalcanti (2008 citado por Silva et al., 2011) como “qualquer dado, ou informação relativa a um autor, título, editora ou data de publicação de um documento” (p.421).

Um gestor de referências bibliográficas é uma ferramenta que permite arquivar e organizar os trabalhos citados por um investigador. Os mais utilizados são aqueles que extraem informações de uma biblioteca de referências, colocam-nas no documento segundo um formato de citação escolhido e automaticamente criam uma bibliografia ou lista de referências ao final do trabalho. Além dessas características, esse tipo de ferramenta possui outras que possibilitam realizar mais tarefas, como por exemplo Muldrow e Yoder (2009 citado por Silva et. al, 2011).

Após a implementação em todo o campus do EndNote na Universidade de Leigh, foi desenvolvido um banco de dados de publicações da faculdade

usando o *software* do módulo Siegler e Simboli (2002 citado por Kilic, Yu, Pennel, & DiGangi, 2006). Além disso, os bibliotecários usaram o EndNote para ordenar registos bibliográficos de documentos por corpo docente da instituição. Do mesmo modo, a biblioteca da Universidade de Minnesota usou o RefWorks para criar bancos de dados que contêm documentos publicados por membros do corpo docente de quatro departamentos, incluindo a ciência social da família, ciência de alimentos, retórica e ação social Marsails e Kelly (2004 citado por Kilic et. al, 2006).

E. García (2007) refere que nos últimos anos tem-se generalizado a preocupação na utilização de *software* de organização de referências bibliográficas, que são programas que permitem aos investigadores, especialistas e profissionais, armazenar as referências bibliográficas obtidas durante as suas investigações com a finalidade de inserir citações e elaborar bibliografias, com as exigências das diferentes revistas científicas.

Para um investigador, estas ferramentas tecnológicas permitem que o mesmo elabore automaticamente uma lista de referências, poupando o seu tempo para que possa aprofundar o seu tema Muldrow e Yoder (2009 citado por Silva et al. , 2011) .

J. García, Rodero e Arévalo (2009) salientam que há vários programas que auxiliam o investigador no momento de fazer as citações e a formatação das referências bibliográficas seguindo as normas específicas de cada periódico científico ao qual o investigador pretende submeter seu trabalho para publicação. Os aplicativos mais conhecidos para consulta às bases de dados, organização das referências e citações são, segundo J. García et al. (2009): *EndNote*, *ProCite*, *RefWorks* e *Reference Manager*, no entanto, o *EndNote* é um aplicativo fácil de usar e um dos mais conhecidos aplicativos na formatação de citações e de referências bibliográficas.

Existem pacotes de *software*, tais como EndNote, Procite e Reference Manager que são usados há já algum tempo e existem sempre novas versões a aparecer no mercado, como refere Bell (2010), que acrescenta ainda no seu

livro que, o *software* de organização da bibliografia tem muitas vantagens para os investigadores.

Ramos (2009) afirma que existe uma gama muito variada deste tipo de *software* e fez um estudo comparativo de diversos programas, entre os quais: Bibciter, BibDesk, Bibloscape, Bib Sonomy, Bibus, Bookends, CiteULike, Connotea, EndNote, Mendeley, Papers, JobRef, Procite, Pybliographer, Refbase, RefDR, Reference Manager, Referencer, Refworks, Scholar's Aid, Aigaion, Wikinds e Zotero usados internacionalmente para a gestão das referências bibliográficas.

1.2.2.3 EndNote

Nesta investigação, como já foi referido, a ferramenta que os investigadores utilizaram para a organização das referências bibliográficas foi o EndNote, que na Universidade de Aveiro é um recurso tecnológico gratuito. Como informa no próprio *site* da Universidade Aveiro (2012), pelos serviços de documentação: O EndNote é um aplicativo para a gestão de referências bibliográficas recolhidas através de pesquisa realizada em diversos recursos. É um *software*, disponível para Windows e Macintosh, que:

- a) produz, automaticamente, as referências bibliográficas;
- b) possibilita aos utilizadores guardar, organizar e usar as referências bibliográficas de acordo com um dado estilo/ norma bibliográfica;
- c) permite associar, às referências bibliográficas, diversos tipos de conteúdos, como imagens, ficheiros em diferentes formatos, como, pdf, xls, ppt ou doc;
- d) tem possibilidade de pesquisar em linha, como refere Universidade Aveiro (2012).

A instalação pode ser feita seguindo os tutoriais relacionados com o programa, que se encontram disponíveis no *site* da Universidade de Aveiro.

O EndNote é um gestor de citações que permite aos utilizadores criar uma biblioteca pesquisável de referências obtidas manualmente ou fazendo *download* de qualquer tipo de publicações: livros, artigos, web *sites*, etc. Usando essa biblioteca, podemos inserir citações e notas de rodapé instantaneamente formato e/ou notas de fim num documento processador de textos, criar bibliografias e organizar arquivos, com anotações pessoais (Thomson Reuters, 2012). Como refere J. García et al. (2009), o EndNote é conhecido pela sua boa organização e usabilidade.

Autores como Kessler e Ullen (2005 citado por Garcia & Saad, 2010) mostram que uma análise das citações geradas pelos programas de organização de referências bibliográficas tão precisos como o *EndNote*, oferecem algumas vantagens aos alunos, mas que são necessários alguns conhecimentos dos formatos de citação para a utilização desses programas de forma eficaz.

Outra forma utilizada por alguns investigadores é a versão científica do Google. O Google Scholar oferece a possibilidade de exportar dados para gestores bibliográficos. Isso deve ser definido na área de preferências de exportação direta para gestores, especificamente no EndNote e RefWorks, de modo que quando fazemos uma pesquisa neste sistema temos um hiperlink em cada documento que diz "Importar para RefWorks", como referem no artigo os autores (J. García et al., 2009). Os ficheiros ficam no EndNote na pasta *Imported References*.

A organização da bibliografia é um processo de armazenamento, gerenciamento, recuperação e citação de referências de várias fontes e a gestão eficaz de referências também é útil para outros fins, tais como a manutenção de uma lista de referências científicas sobre um tema de interesse, referência ou atividades de ensino, como referido por Agrawal (2006). O mesmo autor

declara que, o EndNote, no geral, é um programa amigável, mas muitas vezes os profissionais acreditam que há uma curva de aprendizagem que os impede de tentar usá-lo para o seu trabalho. Eles muitas vezes não conseguem superar o investimento, aborrecimento e tempo inicial de tentar aprender a interface e outras complexidades de um novo programa de *software*. Uma das razões assenta nos manuais por considerarem que são geralmente complicados de ler. No entanto, existem manuais disponíveis na Internet que ajudam a tirar as dúvidas existentes, como refere Bell (2010) que quando estamos a trabalhar no Campus e surgem dúvidas, há sempre alguém que ajuda a esclarecer e em casa a trabalhar usa-se o Manual do EndNote ou a linha de ajuda.

Num artigo escrito por Silva et al. (2011) conclui-se que o desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação, especificamente com o surgimento dos gestores de referências, veio facilitar o tratamento, organização e uso das informações bibliográficas para estudantes, pesquisadores e bibliotecários, de forma que o seu emprego pode representar uma nova atitude sobre uma velha prática favorecendo uma melhor performance para aqueles que a adotarem. Por fim, esta investigação abre como novas perspetivas de estudo, análises qualitativas e/ou quantitativas sobre o emprego de gestores de referência por estudantes, investigadores e bibliotecários, assim como estudos dos seus usos para áreas específicas como: departamentos de aquisição, referência ou processamento técnico em bibliotecas.

As vantagens e desvantagens do EndNote aqui apresentadas são baseadas na fonte Muldrow e Yoder (2009 citado por Silva et al., 2011). Em relação às vantagens:

- *software* bem estabelecido no campo dos gestores de referência;
- muitos académicos já têm extensas bibliotecas formadas no EndNote, disponíveis para partilha;
- muitos *web sites* oferecem formatos de exportação amigáveis para EndNote;
- arquivo online e colaboração disponíveis através do EndNote Web.

Relativamente às desvantagens:

- o custo do *software*;
- os componentes *online* e *offline* não são componentes de um sistema, é necessário trabalhar com dois sistemas para funcionalidades *online* e *offline*;
- o banco de dados acessa somente um número limitado de catálogos de bibliotecas de dados *online* e tem que se exportar e fazer *upload* manualmente.

1.3 Organização bibliográfica em trabalhos científicos

Em qualquer trabalho de carácter académico ou científico, como referido na Universidade de Aveiro (2010) deverá ser incluído uma identificação das fontes consultadas, feita através de citações no texto e de uma lista final das respetivas referências bibliográficas.

Os trabalhos científicos, como refere Hammes (2011):

“De acordo com a finalidade a que se destinam, os trabalhos científicos apresentam forma e exigências próprias, embora devam corresponder a uma estrutura fundamental semelhante e seguir procedimentos gerais parecidos”(p. 11).

Na maior parte das universidades, há para os trabalhos científicos normas específicas para a apresentação de referências bibliográficas e, mesmo dentro de uma mesma área ou disciplina, é vulgar encontrarmos instituições académicas e publicações periódicas que exigem diferentes estilos de apresentação de bibliografias e citações aos investigadores e autores que nelas tencionem publicar. Ao nível geral, existe uma Norma Internacional (ISO 690), publicada pela International Organization for Standardization, aplicável às referências bibliográficas a documentos impressos e a outro tipo de material referenciável, tendo recentemente sido elaborada uma norma específica para

as publicações eletrônicas (ISO 690-2). Esta Norma Internacional encontra correspondência na harmonização feita pelos diversos países, sendo normal a criação de Normas nacionais, que são adotadas por várias instituições acadêmicas, bibliotecas e publicações periódicas nacionais. Existe uma Norma Portuguesa sobre referências bibliográficas (NP 405), mas as regras nela enunciadas não são as mais vulgarmente utilizadas em trabalhos científicos da área das ciências naturais. A norma APA (American Psychological Association) é uma das mais usadas no campo das Ciências Sociais, APA (2012) como vem referido no Anexo 4 - Normas para a elaboração de Bibliografias, Referências Bibliográficas e Citações – APA (American Psychological Association).

A Informação bibliográfica é definida por Cunha e Cavalcanti (2008 citado por Silva et al., 2011) como “qualquer dado, ou informação relativa a um autor, título, editora ou data de publicação de um documento” (p. 422).

Em algumas instituições de ensino superior ou disciplinas, e frequentemente em congressos e eventos científicos, como refere Teixeira (2005), é convencional solicitar um *paper*⁸ como tarefa para avaliação ou apresentação. Em ambiente de congressos e publicações científicas, como refere Teixeira (2005) exige uma estrutura rigorosa, com resumo em vernáculo e língua estrangeira, revisão do estudo da questão, apresentação dos resultados próprios, aplicações práticas, perguntas em aberto, síntese, lista de referências e o cumprimento das normas científicas da praxe, bem como as regras estipuladas pela publicação ou evento. Devemos usar uma norma e ser coerentes em todo o trabalho.

Existem várias normas para a escrita de referências bibliográficas e a adoção de uma norma ou formato depende da decisão de cada comunidade científica. Algumas instituições acadêmicas ao nível internacional, pedem que até os alunos durante os seus estudos sejam capazes de preparar os seus artigos científicos, para apresentar e defender a sua tese. Assim, alguns alunos para cumprir os requisitos, acabam por cair em plágio, como refere Rokni et al.

⁸ Designação inglesa para artigos científicos nos quais se evidencia uma contribuição própria a um determinado tema

(2010). Mas, apesar destas ferramentas serem usadas para preparar os artigos científicos, não evitam o plágio, mas são importantes para não nos esquecermos de referenciar de onde citamos, evitando o plágio.

Uma das funções básicas de um gestor de bibliografia é facilitar a inclusão de referências nos formatos padrão na investigação. De acordo com J. García et al. (2009) os gestores de bibliografia oferecem duas formas básicas, incluem citações no texto, ou gera uma bibliografia anexada ao documento no artigo que dá indicações quanto aos gestores de bibliografia e faz comparações entre eles.

Havendo vários formatos, os autores de artigos, têm trauma de terem que saber os formatos/ normas de cada jornal em que irá publicar. Alguns tentam cumprir este requisito escrevendo artigos à pressa, por não terem tempo, com o resultado de que seus manuscritos estão cheios de erros ou deixar de seguir o formato das instruções para os autores da revista onde querem submeter os seus artigos (Rokni et al., 2010).

Num estudo feito pela revista internacional Pakistan Journal of Medical Sciences, por Rokni et al. (2010), sobre o uso do EndNote comparativamente com a escrita manual das referências bibliográficas, ficou bem patente que na sociedade em que vivemos, para submeter artigos científicos, leva o seu tempo, devido aos diversos formatos, como refere Rokni et al. (2010), e com a vida agitada de hoje em dia.

Os resultados deste estudo mostram que o uso do *software* EndNote ou qualquer outro *software* eletrónico, pode ajudar os autores a superar a maioria dos problemas que enfrentam ao escrever referências para artigos científicos. No mesmo estudo, como a maioria dos autores de países em desenvolvimento, não têm conhecimento ou não estão familiarizados com o uso deste *software*.

É crucial que as instituições de ensino incluam o uso de ferramentas de organização de referências bibliográficas nos programas de formação ou devem

ser feitas oficinas de pesquisa que devem ser obrigatórias para os pós-graduados, bem como os membros do corpo docente. Com este estudo, os autores esperam incentivar os autores a usar este tipo de programas informáticos. Nas conclusões do trabalho referido por Rokni et al. (2010) acreditam que os investigadores/autores devem ser encorajados a usar um *software* eletrónico como o EndNote enquanto escrita de referência para trabalhos científicos. O seu uso vai diminuir muito o *stress* e tensões que os revisores e os editores têm de se submeter ao rever a edição desses manuscritos.

As referências bibliográficas, como já foi referido anteriormente, podem ser exportadas diretamente para o EndNote e dependendo da norma a utilizar, podem ser reescritas segundo as regras exigidas.

Na Universidade de Aveiro é utilizada a norma APA, no campo das Ciências da Educação.

PARTE II

CAPÍTULO II – ESTUDO EMPÍRICO

Neste capítulo serão descritas e justificadas as opções metodológicas que sustentaram a componente empírica deste estudo. Começamos por fazer uma reflexão sobre os paradigmas de investigação subjacentes e as suas implicações ao nível metodológico, indo ao encontro dos referenciais teóricos que nortearam o trabalho. De seguida, define-se o processo de seleção dos participantes para a recolha de dados. Mais à frente, apresentamos o processo de recolha de dados e os procedimentos relativos à sua conceção, implementação, bem como o tratamento a aplicar aos dados recolhidos.

2.1 Opções metodológicas

2.1.1 Questão de investigação e objetivos do estudo

No sentido de obter resposta à pergunta de investigação:

“As ferramentas tecnológicas utilizadas pelos investigadores facilitam a organização das referências bibliográficas nas investigações científicas?”

Pretende-se com este estudo:

- Conhecer as estratégias utilizadas pelos investigadores como meio facilitador na organização das referências bibliográficas.
- Aferir se os investigadores usam *software* na organização das referências bibliográficas.
- Averiguar o uso da ferramenta tecnológica EndNote como estratégia de organizar, sistematizar e gerir as referências bibliográficas.
- Analisar se é mais célere a organização das referências bibliográficas utilizando uma ferramenta tecnológica ou manualmente.

2.1.2 Caracterização do estudo e sua natureza

O estudo pode ser caracterizado de qualitativo, pois vai recorrer a Entrevista e entende-se entrevista como uma técnica de recolha de dados, como refere Rosa e Arnoldi (2006) e não se trata de um simples diálogo, mas de uma discussão orientada para um objetivo definido, em que o participante responde sobre os temas específicos que irão resultar em dados que serão utilizados na investigação. A recolha de dados foi feita através de entrevistas, feitas a investigadores da Universidade de Aveiro e foi usado este tipo técnica pois a entrevista exploratória e as leituras ajudam a construir a problemática de investigação, segundo Quivy (1992) e as leituras ajudam a fazer o balanço do conhecimento relativo ao problema e esclarecem o campo da investigação.

As Entrevistas semiestruturadas, como refere Alves (1998) irão permitir uma análise qualitativa do discurso feito pelos investigadores.

Essas Entrevistas serão analisadas com um programa desenvolvido por investigadores da Universidade de Aveiro, o webQDA⁹, que permite fazer uma análise de conteúdo resultante dos dados recolhidos das entrevistas.

Numa investigação é preciso circunscrever as análises empíricas no espaço geográfico, social e no tempo. Segundo Quivy (1992) os limites da análise ficam definidos se o trabalho tiver como objetivo um fenómeno ou um acontecimento particular. Neste nosso trabalho, os limites estão definidos já que a questão de investigação abrange os investigadores da Universidade de Aveiro e o objetivo também tem a ver com um acontecimento em particular, vamos entrevistar investigadores que usam e que não usam uma ferramenta tecnológica para a organização das referências bibliográficas. Se o campo de análise não estivesse bem definido, segundo Quivy (1992) seria o bom senso do investigador a imperar. O investigador tem três possibilidades, como refere Quivy (1992) pode recolher dados e analisar a população coberta; pode limitar-

⁹ WebQDA- Software desenvolvido por investigadores da Universidade de Aveiro, para análise de conteúdo

se a uma amostra representativa da população ou então a estudar componentes típicos de uma população mas não estritamente representativos. Esta última possibilidade foi a escolhida por nós, pois permite estudar comportamentos característicos de um estudo.

Segundo Guerra (2006), na metodologia qualitativa, não se procura uma representatividade estatística, mas sim uma “representatividade social”. Afirma que a pesquisa qualitativa procura a diversidade e não a homogeneidade. Para se garantir que a investigação abordou a realidade considerando as variações necessárias, é preciso assegurar a presença da diversidade dos sujeitos ou das situações em estudo.

Assim, neste estudo, foi assegurada a heterogeneidade, pois foram utilizados sujeitos/participantes que não utilizavam e que utilizavam uma ferramenta tecnológica para a organização da bibliografia de diversas áreas de investigação e em diversos níveis acadêmicos.

A entrevista foi o instrumento de recolha definido que, de acordo com Rosa e Arnoldi (2006) promove “a riqueza informativa: intensiva, holística, contextualizada e personalizada; possibilidade de indagação por meio de roteiros não previstos e inclusos; flexibilidade, exigência e economia; acessibilidade a informação de difícil observação; preferível por sua intimidade e confiabilidade e contraponto qualitativo de resultados quantitativos”(p.89).

Concordamos com Dalfovo, Lana e Silveira (2008) quando afirmam que “Podemos partir do princípio de que a pesquisa qualitativa é aquela que trabalha predominantemente com dados qualitativos, isto é, a informação coletada pelo pesquisador não é expressa em números, ou então os números e as conclusões neles baseadas representam um papel menor na análise” (p.10). Existem alguns métodos apropriados para a coleta e análise, das entrevistas abertas, como referem na revista científica Dalfovo et al. (2008), que são, a observação participante, a análise documental (cartas, diários, impressos, relatórios, etc.), estudos de caso, história de vida, etc.

O facto de a investigação ser alicerçada pelo paradigma qualitativo, não isenta, segundo Rosa e Arnoldi (2006) do “rigor na análise qualitativa, que pode ser previsto em seis momentos cruciais: Construção do roteiro (guião); execução da entrevista e registo literal dos dados; transcrição literal; leituras das transcrições; sistematização dos dados; redação”(p.66).

Embora os valores recolhidos numa entrevista qualitativa sejam na maioria muito pessoais e não-qualitativos, como refere Rosa & Arnoldi (2006) devem ser categorizados adequadamente, para depois ser uma ajuda preciosa na análise de conteúdo e codificação das unidades textuais.

Para a análise de Entrevistas, foi escolhido o software WebQDA, de entre tantos existentes, considerado como bastante útil aos interesses da investigação.

2.2 Os participantes do estudo.

Neste item é feita a caracterização dos participantes abrangidos pelo estudo.

O estudo cingiu-se a investigadores da Universidade de Aveiro, que estavam a desenvolver um projeto de Mestrado ou Doutoramento. Entre estes, foram seleccionados os que estavam no início, no meio e no fim do processo investigativo e que já tinham apresentado provas de Mestrado ou Doutoramento.

Foram realizadas 20 entrevistas presenciais a investigadores do 2.º e 3.º ciclo da vertente profissional ou académica. Os participantes no estudo eram investigadores que utilizaram e não utilizaram ferramentas tecnológicas na organização das referências bibliográficas. Esta opção investigativa teve como pretensão obter resultados comparativos.

Neste processo de constituição dos grupos para a entrevista, tínhamos que ter dois grupos de pessoas que fossem investigadores da Universidade de Aveiro, utilizadores e não utilizadores de ferramenta tecnológica para a organização das referências bibliográficas. Segundo Rosa e Arnoldi (2006) o primeiro contacto entre o entrevistador ↔ entrevistado é de fundamental importância, pois dela pode depender todo o desenvolvimento da Entrevista. Os mesmos autores acrescentam que, dessa forma, evita-se abordar diretamente o indivíduo sendo a ligação feita através de rede social. Nesta investigação, os contactos iniciais foram feitos através de *e-mail*.

Uma das preocupações básicas, quando é utilizada a Técnica da Entrevista numa investigação científica, deve ser a seleção dos entrevistados, como refere Rosa e Arnoldi (2006) e a ideia chave segundo as autoras é ganhar conhecimento de todo o tipo, por intermédio da seleção de entrevistados, orientada e organizada de maneira a garantir minimamente a heterogeneidade da amostra, em variáveis consideradas analiticamente relevantes. Assim, como salienta Rosa e Arnoldi (2006) os sujeitos devem possuir informações diretamente relacionadas com os objetivos da entrevista e a heterogeneidade propicia uma maior quantidade de dados qualitativos para a obtenção dos resultados.

Nesta investigação teve-se o cuidado dos participantes serem o mais heterogêneo possível, pois os investigadores pertencem a áreas de investigação diversas e com níveis académicos diferentes.

Outra preocupação, referida por autores fora Rosa e Arnoldi (2006) é o número de participantes na Entrevista. No entanto, conforme os mesmos autores, na pesquisa qualitativa, não é a quantidade de pessoas que irão prestar informações que tem importância, mas, sim, o significado que os sujeitos têm, em relação ao que se procura para a pesquisa.

Se os entrevistados selecionados não completam nem atingem o grau de respostas exigido, o entrevistador deverá ampliar o número de entrevistados e definir, quantos forem necessários até que a confiabilidade se instale,

resultando numa gama de dados, com certeza, muito mais precisos.(Rosa & Arnoldi, 2006)

2.3 Instrumento de recolha: Entrevista

Segundo Romanelli e Alves (1998 citado por Rosa & Arnoldi, 2006),

“A entrevista é uma relação diádica, que cria uma forma de sociabilidade específica, limitada no tempo, sem continuidade, em que inicialmente, os parceiros da díade se defrontam como estranhos, pautados por uma alteridade que não admite o encontro e que deve ser superada para que a matéria-prima do conhecimento possa ser produzida durante esse encontro que transforma estranhos em parceiros de uma troca” (pp.125-126).

Para fazer este estudo recorreremos a entrevistas semiestruturadas e abertas, a investigadores da Universidade de Aveiro, com vista a responder à questão de investigação. Assim, como refere Rosa e Arnoldi (2006), “As questões, nesse caso, deverão ser formuladas de forma a permitir que o sujeito discorra e verbalize seus pensamentos, tendências e reflexões sobre os temas tratados.(...)Exigem que se componha um roteiro de tópicos seleccionados. As questões seguem uma formulação flexível, e a sequência e as minúcias ficam por conta do discurso dos sujeitos e da dinâmica que acontece naturalmente” (p.86).

2.3.1 Preparação da entrevista.

A preparação da entrevista deve ter por base a questão de investigação. Ela guiará todo o processo, definirá o tipo de questões a colocar, ajudará a

selecionar os participantes e o tipo de análise a realizar aos dados. Importa identificar claramente quais os objetivos do estudo. (Stewart & Shamdasani, 1997)

Para planejar a entrevista, é necessário que o entrevistador conheça profundamente a metodologia científica, como refere Rosa e Arnoldi (2006) . Os erros de análise de dados e de interpretação podem ser corrigidos até pouco antes da apresentação de resultados, mas é importante salientar que os erros cometidos na preparação da entrevista, são na maioria das vezes irremediáveis, pois podem faltar dados importantes ao estudo em causa.

2.3.2 Conceção do guião da entrevista

Para a conceção dos guiões de entrevista, (Apêndices X e Y- Protocolo de entrevistas), houve várias fases e etapas de desenvolvimento. Durante estas fases de desenvolvimento e com base no que salienta Guerra (2006) “Para dar espaço às formas de narração do entrevistado, o guião é geralmente estruturado em grandes capítulos, desenvolvendo depois perguntas de “lembrança” que apenas são introduzidas se o entrevistado as não referir nas respostas” (p. 53). Acrescenta que muitos guiões têm no final da entrevista (para não perturbar a lógica da “troca de impressões”) uma parte fechada e objetiva com a “caracterização” de alguns elementos essenciais à investigação. Assim, no final do guião foram colocadas questões referentes a alguns dados para caracterizar os participantes, como: idade, área de investigação, etc...,

No início, fizemos uma listagem de questões consideradas importantes. O guião de entrevista, segundo Rosa e Arnoldi (2006) trata-se de um esquema com os pontos a serem tratados, pois não é fechado, e a ordem, necessariamente não tem de ser seguida. Estes autores referem que o processo comunicativo é muito importante durante a realização de qualquer Entrevista. Rosa and Arnoldi (2006) refere que a interação é um marco responsável por

definir, delimitar ou pautar novos questionamentos para o guia de Entrevista, no momento em que esta esteja a ser realizada.

Atendendo aos objetivos da investigação, procurou-se através de uma grelha, enquadrar as questões que estivessem relacionadas aos objetivos (Apêndices Quadros X e Y). Foram depois elaborados os guiões das entrevistas, para os dois tipos de investigadores, os que utilizavam e os que não utilizavam ferramentas tecnológicas para a organização das referências bibliográficas nos seus trabalhos de investigação.

No guião de entrevista, em algumas questões, foram criadas outras questões ou tópicos a abordar durante as entrevistas. As questões foram divididas por objetivos, ficando o guião estruturado da seguinte maneira (apêndices X e Y): No Guião para investigadores que utilizavam ferramentas tecnológicas para a investigação os itens foram: I- Dados pessoais, II- Utilização das ferramentas tecnológicas para organizar as referências bibliográficas e estratégias, III- Avaliação das estratégias, IV-Avaliação das ferramentas tecnológicas e V- Importância das ferramentas tecnológicas. No guião para investigadores que não utilizaram ferramenta tecnológica para a investigação I- Dados pessoais, II- Organização das referências bibliográficas e estratégias, III- Avaliação das estratégias e IV- Importância das ferramentas tecnológicas.

2.3.3 Entrevista piloto

A realização de uma entrevista piloto serve como forma de atenuar a falta de experiência do investigador/entrevistador na condução da entrevista e também para verificar a validade das questões e verificar se o nível das questões seria importante para o estudo. Esta entrevista serve também para verificar a extensão do guião. Esta afirmação vai ao encontro ao que refere Weiss (1994 citado por Rosa & Arnoldi, 2006), para que não se perca tempo e terreno com tentativas inadequadas, é bom que se aplique uma Entrevista

piloto antes que se defina concretamente o guião de questões a ser efetuado na entrevista real. E continuam dizendo que, a Entrevista piloto servirá ao entrevistador como forma de adequação dos questionamentos, analisando-os como viáveis ou não, e também para que se certifique dos posicionamentos adequados a serem incorporados ao tema em questão. Estes autores referem ainda que, esta entrevista piloto deve ser realizada a sujeitos que não serão selecionados para a Entrevista real.

2.3.4 Realização das entrevistas

Para a realização de entrevistas é preciso fazer alguns procedimentos, como refere Guerra (2006) “As entrevistas devem ser marcadas com antecedência e o entrevistado deve ser avisado da duração média esperada. Não se deve esquecer as questões prévias e colocar no início das entrevistas, tais como a explicitação do objeto do trabalho, a valorização do trabalho do entrevistado no fornecimento de informações considerando o seu estatuto de informador privilegiado, a duração e a licença para gravar” (p.60). O pedido do consentimento para a gravação da entrevista, deve ser tomado em conta e a maioria dos investigadores insistem, numa necessidade de se obter um “consentimento esclarecido” e que deve ser por meio de uma assinatura de um termo de compromisso, mas, como refere Rosa and Arnoldi (2006) para alguns centros de pesquisa, opta-se por o registo de dados através de gravação ou até mesmo de filmagens.

Relativamente ao lugar onde se deve realizar as Entrevistas, Rosa e Arnoldi (2006) afirma que deve ser um lugar com condições de privacidade e tranquilidade e sem a presença de outras pessoas que poderão inibir as respostas e também deve ser respeitado o prazo estipulado para início e término da Entrevista.

Cada uma das entrevistas teve lugar na Universidade de Aveiro e em duas escolas distintas, tendo sido realizadas entre os dias 29 de fevereiro e 18

de maio de 2012. A duração foi em média de quarenta minutos. Foram realizadas dezasseis entrevistas na Universidade de Aveiro e quatro no local de trabalho dos restantes investigadores. Tivemos o cuidado de seguir as orientações, por isso, na realização das entrevistas, indo ao encontro de recomendações colhidas nas leituras feitas e bibliografia consultada para o efeito, e depois marcado um espaço, silencioso, para a gravação da voz, para a realização das entrevistas. Na Universidade de Aveiro, foram requisitadas salas ou foram feitas nos próprios gabinetes dos investigadores. Nas Escolas onde os investigadores lecionavam, foram requisitadas salas para a realização das entrevistas. Conforme indica Guerra (2006), antes de iniciar cada entrevista foi solicitado aos investigadores autorização para a gravação.

Concordamos com Souza, Costa e Moreira (2011a) ao salientarem que do ponto de vista tecnológico, não deveríamos recolher e tratar dados somente com observações e anotações em blocos de papel. Podemos contar com gravadores e câmaras digitais de alta-fidelidade que facilitam o trabalho de recolha de dados. Também há computadores com os mais diversos tipos de *software* que nos ajudam a organizar, transcrever, ordenar e categorizar os dados, visando uma análise mais profunda e diversificada.

2.3.5 Confiabilidade das entrevistas

No sentido de haver confiabilidade entre entrevistador e entrevistado o processo que foi usado depois da técnica da entrevista, foi o de ser concedido a possibilidade aos investigadores de lerem e fazer alguma alteração que tenham achado que não ficou esclarecida, por não se ter ouvido bem ao fazer a transcrição, ou mesmo ter ficado incompleta alguma questão de interesse, tal como referiu Rosa e Arnoldi (2006) no livro.

A confiabilidade das entrevistas foi feita por um dos meios indicados na literatura internacional. Foi enviado para cada participante a entrevista

transcrita para que pudessem analisar, corrigir e alterar algumas posições pouco claras acerca das contribuições dadas durante a entrevista.

2.3.6 Vantagens e limitações das entrevistas

Para Erlandson, Harris e Skipper (1993 citado po Rosa & Arnoldi, 2006) “As Entrevistas podem adotar uma variedade de formas, incluindo desde as que são pré-determinadas e as que são muito abertas. As mais comuns são as semiestruturadas, que são guiadas por um conjunto de perguntas e questões básicas que devem ser exploradas” (pp 85-86). Assim, segundo estes autores a entrevista tem vantagens e Quivy (1992) refere a importância dos entrevistados e a sua utilidade na investigação. Ele divide em três categorias: (1) Docentes, investigadores e peritos no domínio da investigação, que são pessoas que conhecem o tema e que têm experiência de investigação; (2) Testemunhas privilegiadas, que são pessoas que pela sua posição, ação ou responsabilidades, têm um bom conhecimento sobre o problema e (3) Público potencial do estudo, que são pessoas que podem indicar a relevância do projeto de investigação na perspectiva do cliente final. Assim, os entrevistados da investigação precisam ser investigadores que conheçam a temática e possam ter um bom conhecimento sobre o tema, diz Quivy (1992). O mesmo autor refere ainda que o grau de profundidade dos elementos da análise e a flexibilidade e a fraca diretividade do dispositivo que permite recolher os testemunhos e as interpretações são uma das vantagens do uso da Entrevista.

Quanto às limitações do instrumento, o mesmo autor refere que a flexibilidade do método torna importante a capacidade e competência do investigador, uma vez que a informação não fica imediatamente acessível e a flexibilidade não nos deve levar a acreditar numa completa espontaneidade do entrevistado e numa total neutralidade do investigador.

As Entrevistas, têm algumas vantagens em relação a utilização de questionários, formulários, leitura documentada e observação participativa, que são, segundo Rosa e Arnoldi (2006): “permitem a obtenção de grande riqueza informática - intensiva, holística e contextualizada - por serem dotadas de um estilo especialmente aberto, já que se utilizam de questionamento semiestruturados; proporcionam ao entrevistador uma oportunidade de esclarecimentos junto aos segmentos momentâneos de perguntas e respostas, possibilitando a inclusão de roteiros não- previstos, sendo esse um marco de interação mais direta, personalizada, flexível e espontânea do que a entrevista estruturada; cumprem um papel estratégico na prevenção de erros, por serem uma técnica flexível, dirigida e económica que prevê, antecipadamente os enfoques, as hipóteses e outras orientações úteis para as reais circunstâncias da investigação, de acordo com a demanda do entrevistado, propiciando tempo para a preparação de outros instrumentos técnicos necessários para a realização, a contento, da Entrevista”(pp 87-88).

Quanto ao facto de ter utilizado apenas um método de pesquisa, a Entrevista, com as perguntas de resposta aberta aos participantes, podemos explorar mais sobre o assunto em estudo como menciona (Rosa & Arnoldi, 2006).

Há ainda, segundo Guerra (2006), limitações técnicas relacionadas com a capacidade dos investigadores. A experiência tem vindo a demonstrar que um único entrevistador terá dificuldades em trabalhar mais de 30 entrevistas em profundidade (...) se bem que a utilização do *software* informático de análise de conteúdo, sendo cada vez mais amigável, estar a mudar rapidamente esse panorama.

2.4 Procedimentos relativos à recolha de dados.

A análise dos dados implica uma organização dos mesmos e uma forma de o fazer é através de uma categorização segundo um determinado sistema de categorização (Souza, Costa, & Moreira, 2011b). Segundo os mesmos autores, como se passa com outras aplicações semelhantes, com o WebQDA o investigador poderá editar, visualizar, interligar e organizar documentos. O *software* permite criar várias categorias, fazer codificações, controlar, filtrar, pesquisar e questionar os dados com o objetivo de responder às questões de investigação de cada investigador. O WebQDA é um *software* específico destinado à investigação qualitativa em geral (Souza et al., 2011a).

Seguidamente, procedemos à análise de conteúdo com o recurso do *Software* webQDA, em que os textos resultantes das transcrições foram importados para esta ferramenta, tendo em vista a sua exploração com o apoio de um *software* adequado, através da constituição de um banco de dados organizado, tendo como suporte um programa de computador adequado à análise de dados de carácter qualitativo: WebQDA- software de apoio à análise qualitativa. O recurso ao WebQDA é fundamental, pois torna mais fácil o manuseamento e exploração dos dados de carácter qualitativo, segundo (Souza et al., 2011a).

O recurso ao *software* WebQDA para a análise de conteúdo, facilitou o manuseamento e exploração dos dados de carácter qualitativo, pois tem as seguintes características: “ i) trabalhar com dados, ii) organizar dados, iii)dividir dados em unidades manipuláveis, iv) sintetizar dados, v) procurar padrões, vi) descobrir aspetos importantes dos dados, vii) descobrir o que deve ser aprendido com os dados e viii) decidir como transmitir aos outros os resultados a partir da análise de dados” (Souza et al., 2011b, p. 2).

Os benefícios desta ferramenta residem principalmente na sua interface intuitiva, mecanismos de armazenamento, pesquisa e recuperação de dados,

tudo isto num ambiente distribuído que propícia a uma investigação colaborativa. A aplicação tem por base um sistema de codificação que sustenta a geração de relações entre os elementos dos dados. Constitui-se uma base de dados relacional e flexível, que fornece ao investigador, de forma eficaz, a possibilidade de, como refere Given (2008 citado por Souza, et al.,2011a): “i)testar teorizações sobre as relações entre dados; ii) descobrir e explorar novos relacionamentos de dados enquanto a análise de dados se desenvolve; iii) criar mapas de relações; iv) completar a análise de dados; v) registar e guardar os resultados de pesquisa”(p.4).

Ao analisarmos a estrutura básica de análise de conteúdo de Bardin (2004 citado por Souza, et al., 2011a):“i) Organização da Análise (pré-análise/exploração do material, primeiras inferências e interpretação), ii)Codificação (tratamento do material para se atingir uma melhor representação do seu conteúdo),iii) Categorização (fornecer uma representação simplificada dos dados), iv) Inferência (sobre o que é que pode incidir este tipo de interpretação de análise), todos estes pressupostos básicos devem estar presentes na mente do investigador que utiliza o WebQDA”(p.3).

Como refere Souza et al. (2011a) no sentido que apresentar a forma de organização do *software*, compreende três áreas fundamentais: Fontes, Codificação e Questionamento. As Fontes consistem principalmente num espaço onde o investigador irá colocar os dados de que dispõe, que podem ser em forma de texto, imagem, vídeo ou áudio. Pode ser organizada conforme a necessidade do investigador devido ao tipo de documentos que dispõe para analisar. Na Codificação o investigador tem liberdade para criar as dimensões, os indicadores ou as categorias, que se podem dividir em interpretativas ou descritivas. O Questionamento é composto de ferramentas de busca e de *feedback* relacionado com as perguntas que o investigador irá fazer aos dados previamente codificados.

CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo são apresentados e discutidos os resultados obtidos, tendo em conta as questões iniciais, como refere Trentini e Paim (1999 citado por Esher, 2001)

“A análise e discussão de dados da pesquisa vai para além dos próprios dados e muitas vezes esgota a literatura já revisada, insinuando a geração de sínteses, que vão requerer novas sustentações ou controvérsias provenientes da literatura” (p.10).

Na interpretação dos resultados, para além da descrição e cruzamento de dados colhidos, procurámos, sempre que possível, comparar e contrastar os resultados obtidos em outros trabalhos de investigação na revisão da literatura.

Depois de seguidos todos os procedimentos referentes às entrevistas, a análise de conteúdo foi feita tendo como suporte tecnológico o *software* WebQDA. A análise de conteúdo como definiu Bardin (2004) é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que aposta grandemente no rigor do método como forma de não se perder na heterogeneidade do seu objeto.

As entrevistas, numa primeira fase, são importadas para o *software* webQDA e definidas as categorias de análise segundo um diagrama dos nós em árvore que foi previamente elaborado. De seguida são codificadas as unidades de texto e posteriormente serão analisadas através do cruzamento das categorias com a elaboração de matrizes, que cruzam as codificações descritivas e interpretativas, apoiando assim a análise dos dados.

3.1 Caracterização dos participantes da investigação

Nesta caracterização, teremos em conta o género e idade dos participantes, a área de investigação e o nível académico. O estudo foi

heterogêneo em termos de participantes, salientamos que a heterogeneidade propicia uma maior quantidade de dados qualitativos para a obtenção dos resultados.

3.1.1 Género e idade dos participantes da investigação

O quadro 1 mostra a distribuição dos participantes da investigação por intervalos de idade e de género. O total de participantes das entrevistas foram 20 indivíduos, sendo 17 do sexo feminino e 3 do sexo masculino. A faixa etária está compreendida entre os 27 e os 58 anos de idade.

Quadro 1: Género e idade dos participantes.

Intervalos etários	Género		Total	%
	Masculino	Feminino		
27-29	0	4	4	20
30-32	0	5	5	25
33-35	2	3	5	25
36-38	0	1	1	5
39-41	0	1	1	5
42-44	0	1	1	5
45-47	0	0	0	0
48-50	0	1	1	5
Acima dos 50	1	1	2	10
Total	3	17	20	100

3.1.2. Área de investigação e uso ou não do EndNote

Os investigadores que fizeram parte da pesquisa, pertenciam a diferentes áreas de investigação. O quadro 2 indica o número de participantes por área científica. Dos 20 entrevistados, 3 eram de Didática e Formação, 1 de Planeamento Regional e Urbano, 1 de Informação e Comunicação em

Plataformas Digitais, 1 em Biologia, 5 em Multimédia em Educação, 7 em Didática de Línguas e 2 em Didática e Desenvolvimento Curricular. Ao cruzar a área científica com a utilização do programa, verificamos que os investigadores que usaram o EndNote são maioritariamente de Multimédia em Educação (5) comparativamente aos de Didática de Línguas (6) que não usaram.

Quadro 2: Relação da área de investigação e utilizadores do EndNote

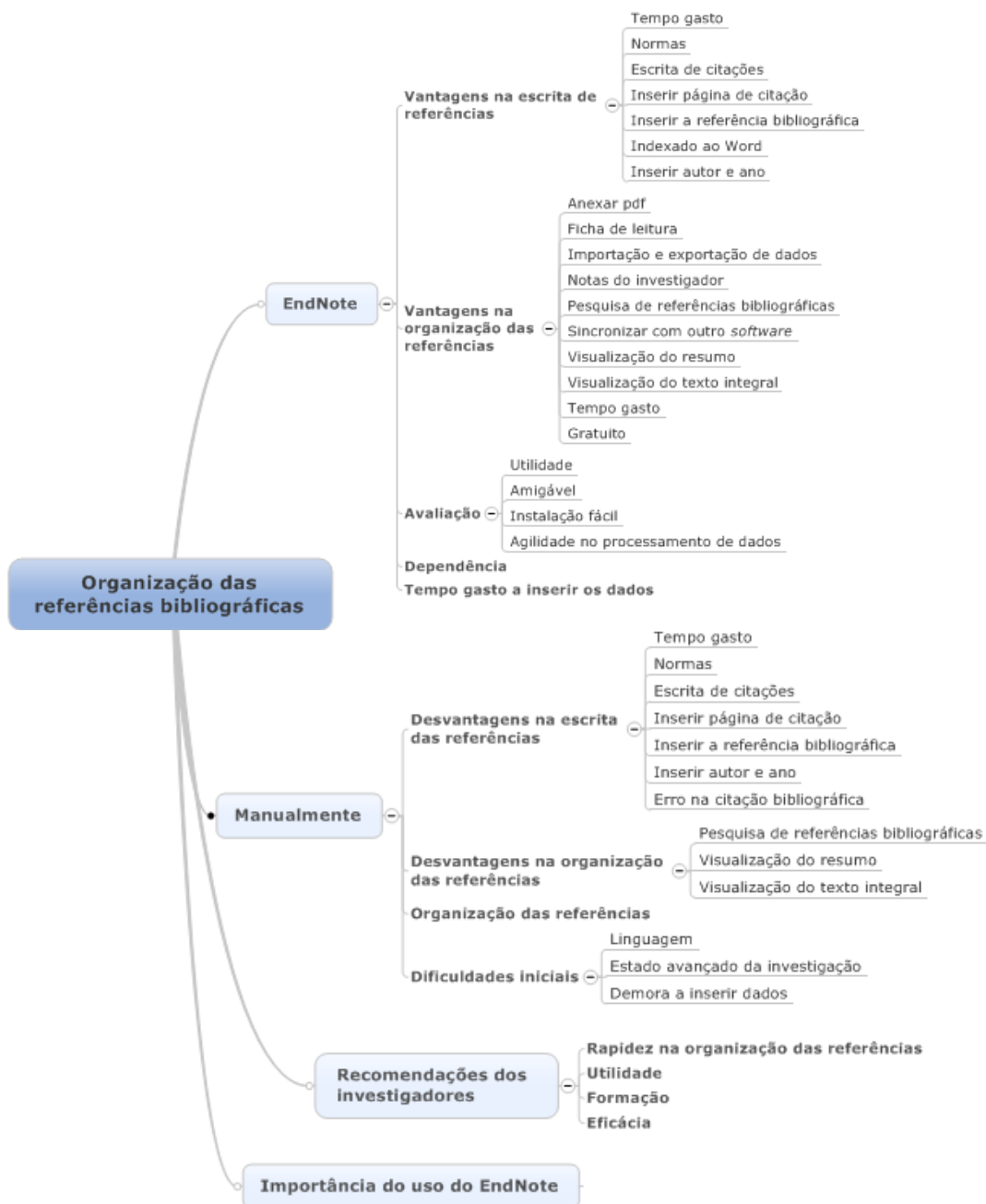
Área de investigação	Uso do EndNote	
	Sim	Não
Didática e formação	1	2
Planeamento regional e urbano	0	1
Informação e Comunicação em Plataformas digitais	1	0
Biologia	1	0
Multimédia em Educação	5	0
Didática de línguas	1	6
Didática e desenvolvimento curricular	1	1

3.1.3 Nível Académico e o uso ou não do EndNote

No estudo, foram feitas entrevistas a 2 investigadores no início do Mestrado que utilizaram o EndNote e 3 que não utilizaram. Relativamente aos entrevistados que estavam a realizar o doutoramento, foram entrevistados 4 investigadores que utilizaram o EndNote e 3 que não o utilizaram. Quanto aos entrevistados que estavam no final do doutoramento, 3 usaram o EndNote, enquanto 1 não utilizou. Dos entrevistados que já tinham apresentado provas, um tinha já entregue a dissertação de mestrado e tinha utilizado o EndNote e dos 3 que não tinham utilizado o programa, um tinha realizado as provas de mestrado e os outros 2 a tese de doutoramento.

3.2 Análise e discussão dos dados resultantes das entrevistas

Depois de leituras exaustivas das entrevistas e definidas as categorias de análise, foi elaborado um esquema/ diagrama de todas as categorias no programa MindManager para facilitar a visualização dos nós em árvore conforme a estrutura do *software* WebQDA indica.



Esquema 1: Visualização dos nós em árvore

Para a elaboração dos nós em árvore, as categorias e subcategorias emergiram das leituras da literatura internacional, do guião da entrevista e das contribuições dadas pelos entrevistados.

Após a codificação das unidades de textos extraídas das entrevistas, no *software* webQDA, foram feitas as matrizes através dos cruzamentos de categorias e subcategorias de análises. As matrizes resultantes do questionamento, podem ser exportadas para o Excel, já que o *software* tem essa funcionalidade, que é muito útil para a apresentação de dados.

Abaixo, serão apresentadas imagens retiradas do webQDA, para uma maior compreensão dos resultados obtidos.

3.2.1 Análise das vantagens de utilizar o EndNote na escrita de referências bibliográficas

Na imagem 1 apresentamos a estrutura das categorias e subcategorias relativamente às vantagens na utilização do EndNote para a escrita de referências bibliográficas. Os resultados revelam o número de referências mencionadas pelos entrevistados.









Nome		Tipo	Referências
▼  Vantagens na escrita das referências	<input type="checkbox"/>	Codificação	0
 Tempo gasto	<input type="checkbox"/>	Codificação	10
 Normas- ref. bibliográficas	<input type="checkbox"/>	Codificação	9
 Escrita de citações	<input type="checkbox"/>	Codificação	10
 Inserir páginas de citação	<input type="checkbox"/>	Codificação	9
 Inserir a referência bibliográfica	<input type="checkbox"/>	Codificação	10
 Indexado ao Word	<input type="checkbox"/>	Codificação	6
 Inserir os autor e ano	<input type="checkbox"/>	Codificação	10

Imagem 1: Vantagens na escrita de referências bibliográficas por investigadores que utilizaram o EndNote

No que concerne à análise das referências, verificamos que houve 10 referências que afirmam que com o uso do EndNote gastaram menos tempo na escrita das referências bibliográficas. O mesmo número de referências, destaca a facilidade na escrita de citações, bem como indicaram a facilidade de inserir a referência bibliográfica. Por fim, a vantagem de inserir o autor e o ano no texto. Salientamos 9 as referências relativamente a facilidade na escrita da norma, e a facilidade na inserção da página de uma citação. Já em relação à vantagem de estar indexado ao Word, foram 6 as referências encontradas.

Dito isto destacamos o tempo gasto no uso do EndNote, na posição de alguns investigadores:

“... poupa-se tempo, pois já tenho os dados inseridos.” (MJM)

“E, se neste momento tivesse que escrever um artigo sem o uso do EndNote, iria ser um processo muito moroso.” (VC).

Verificamos que a norma utilizada na maioria dos entrevistados foi a norma APA nas suas duas últimas versões (5th e 6th). A destreza sentida pelos entrevistados que usaram o EndNote foi no sentido da facilidade de mudar a norma no *Software*, como referem:

“se colocarmos a norma que se usa, neste caso a APA 6th, é tudo mais fácil, pois não temos que nos preocupar com vírgulas ou pontos.” (BL)

“Essa facilidade que temos de passar para outro formato a norma, é muito boa...” e *“O EndNote também adapta as normas o que é uma vantagem...”* (FL)

“como o EndNote gera a bibliografia segundo as normas internacionalmente aceites, torna-se mais fácil.” (ML)

Para os entrevistados que utilizaram o EndNote, o inserir a página de uma citação feita por um autor é bastante útil, pois tem a vantagem da

referência não ficar esquecida, uma vez que o programa coloca a referência citada no final do trabalho. Como referenciado pelos investigadores:

“...tenho a certeza que as referências no fim são citadas, pois é um processo automático de colocar a página.” (VC)

“É só ir à referência na nossa base de dados, clicamos e introduzimos as páginas.” (MJM)

Segundo alguns investigadores, inserir as referências bibliográficas no texto e a referência aparecer escrita segundo a norma definida para o trabalho, sempre foi um trabalho demorado sem o apoio de uma ferramenta tecnológica. É um trabalho moroso fazer *copy - paste* de um documento para o outro e não se esquecer de nenhuma referência. O EndNote tem essa funcionalidade ao inserir automaticamente uma referência bibliográfica no texto e ficar referenciado no final do corpo do trabalho. Abaixo citamos algumas considerações dos entrevistados que utilizaram o EndNote:

“É mágico na introdução das referências!” (VC)

“É ótimo, saber que existe uma ferramenta que nós introduzimos uma vez na base de dados a referência e aparece logo nas referências bibliográficas...” (FL)

Quanto ao facto de estar indexado ao *Word*, os investigadores referem:

“Trabalha acoplado ao Word, a qualquer versão do Word.” (FL)

“O EndNote tem a vantagem de estar indexado ao Word.” (DCN).

3.2.2 Análise das vantagens de utilizar o EndNote na organização da bibliografia

Na imagem 2 apresentamos a estrutura das categorias e subcategorias relativamente às vantagens na utilização do EndNote na organização de referências bibliográficas. Os resultados revelam o número de referências mencionadas pelos entrevistados.












▼  Vantagens organização referências	<input type="checkbox"/>	Codificação	0
 Ficha de leitura	<input type="checkbox"/>	Codificação	10
 Visualização do resumo	<input type="checkbox"/>	Codificação	9
 Visualização do texto integral	<input type="checkbox"/>	Codificação	9
 Pesquisa de referências bibliográficas	<input type="checkbox"/>	Codificação	10
 Importação e exportação de dados	<input type="checkbox"/>	Codificação	10
 Anexar PDF	<input type="checkbox"/>	Codificação	6
 Sincronizar com outros softwares	<input type="checkbox"/>	Codificação	3
 Notas do investigador	<input type="checkbox"/>	Codificação	6
 Tempo gasto	<input type="checkbox"/>	Codificação	10
 Gratuito	<input type="checkbox"/>	Codificação	5

Imagem 2: **Vantagens da organização de referências bibliográficas por investigadores que utilizaram o EndNote**

No que concerne à análise das referências, verificamos que houve 10 referências que afirmam que com o uso do EndNote podem fazer uma ficha de leitura na organização das referências bibliográficas. O mesmo número de referências destaca o tempo gasto, bem como a indicação na facilidade de pesquisar a referência bibliográfica e, por fim, a vantagem de exportar e importar a referência de base de dados. Salientamos 9 as referências relativamente a facilidade na visualização do resumo e do texto integral. Já em relação à vantagem de anexar um pdf e de escrever as notas do investigador, foram 6 as referências encontradas. Sobre a facilidade de sincronizar o

EndNote com outro *software* referiram 3 referências. Por fim, o facto de ser gratuito a instalação na Universidade de Aveiro é salientado por 5 referências

Dito isto destacamos o tempo gasto no uso do EndNote, na posição de alguns investigadores:

“Porque temos ali a nossa base de dados que podemos pesquisar e as referências ficam organizadas.” (CG)

“Mas se nós podemos dedicar ao nosso trabalho na parte da escrita e da investigação e deixar certos aspetos que podem ser feitos por ferramentas tecnológicas, para quê perder tempo?” (DCN)

Uma outra potencialidade é a possibilidade de anexar no EndNote o ficheiro do documento em pdf, como indicam os investigadores:

“Também é muito útil quando se pode anexar o PDF de um documento à minha referência.” (JR)

“Como é possível anexar ficheiros em pdf, é só clicar na referência e aceder ao texto.” (MJM)

Os investigadores que utilizaram o EndNote, referiram que é útil poder pesquisar uma referência na base de dados do EndNote, pois a referência já foi inserida e com um *click*, acede-se a essa referência, como relatam os investigadores:

“Eu, normalmente faço pesquisa por autor ou por tema e se estiver na nossa base de dados, conseguimos com facilidade.” (JR)

“Estando na minha base de dados, podemos colocar o nome ou o título e clicamos na pesquisa avançada.” (DCN)

Como no caso dos documentos em pdf, Os investigadores que utilizaram o EndNote, referiram que também é útil poder visualizar um

resumo que está na base de dados do EndNote, pois a referência já foi inserida e com um *click*, acedemos ao resumo, como relatam os investigadores:

“Quando eu faço a importação de uma referência bibliográfica, já vem o resumo preenchido, mas quando eu coloco os dados manualmente tenho de copiar para lá o resumo. Depois, é fácil consultá-lo clicando na referência.” (MJM)

“Basta clicar na referência e aparece o resumo.” (VC)

Os investigadores referiram que é útil poder visualizar um texto integral que está na base de dados do EndNote, pois a referência já foi inserida e com um *click*, acede-se ao texto integral, como indicam alguns investigadores:

“Ou já temos o documento em pdf no EndNote, ou acedemos on-line, clicando na referência.” (FL)

“Porque como é possível anexar ficheiros em pdf, é só clicar na referência e aceder ao texto. Todos os artigos a que eu consegui ter acesso digitalmente, coloquei-os no EndNote.” (MJM)

Uma outra potencialidade é a possibilidade de importar ou exportar de outras bases de dados para o EndNote, como citaram os investigadores:

“Também tem a possibilidade de exportar para o EndNote as referências dos artigos que lemos em revistas, o que é fantástico.” (JR)

“Com a possibilidade que se tem de importar diretamente de uma base de dados ou exportar do Mendeley, os dados ficam sempre corretos no EndNote.” (DCN)

Os investigadores ainda referiram que é útil poder inserir uma ficha de leitura no próprio EndNote ou fazer no próprio programa a ficha de leitura, como referem os investigadores:

“Eu preencho uma ficha de leitura no próprio EndNote, para não me esquecer o que leio e das ideias que retiro enquanto estou a ler.” (VC)

“Manualmente tem que se escrever os dados da referência também num bloco ou no computador, mas no EndNote, podemos fazer como se fosse ficha de leitura, escrevemos só uma vez que fica logo, enquanto que manualmente podemos ter que escrever várias vezes e quando mudamos alguma coisa, temos que mudar em muitos sítios.” (BL)

A possibilidade de tirar as próprias notas (notas do investigador) no EndNote, foi referido pelos investigadores:

“É importante tirar as nossas próprias notas para colocar se é ou não importante o que estamos a ler.” (JR)

“Porque é mais rápido para depois eu me lembrar de que é que trata o próprio artigo.” (BL)

Mais uma potencialidade é a possibilidade de sincronizar com outro *software*, como indicam os investigadores:

“(...) e o próprio EndNote me fazer uma validação desse artigo. E o Mendeley trabalha sincronizado com o EndNote. O ideal era o Scholar, o EndNote e Mendeley todos juntos numa única ferramenta, era fantástico.” (DCN)

3.2.3 Análise das desvantagens, de não utilizar o EndNote, na escrita de referências bibliográficas

Na imagem 3 apresentamos a estrutura das categorias e subcategorias relativamente às desvantagens de não utilizar o EndNote para a escrita de referências bibliográficas. Os resultados revelam o número de referências mencionadas pelos entrevistados que não utilizaram o EndNote.









 Desvantagens na escrita de referências	<input type="checkbox"/>	Codificação	0
 Tempo gasto	<input type="checkbox"/>	Codificação	7
 Norma	<input type="checkbox"/>	Codificação	8
 Informação incompleta das referências	<input type="checkbox"/>	Codificação	10
 Inserir páginas de citação	<input type="checkbox"/>	Codificação	6
 Erro na citação bibliográfica	<input type="checkbox"/>	Codificação	8
 Inserir autor e ano	<input type="checkbox"/>	Codificação	8
 Inserir as referências bibliográficas	<input type="checkbox"/>	Codificação	10

Imagem 3: **Desvantagens na escrita de referências bibliográficas por investigadores que não utilizaram o EndNote**

No que respeita a análise das referências quanto aos investigadores que não utilizaram o EndNote para a escrita das referências bibliográficas, verificamos que, houve 7 referências que afirmam que gastaram mais tempo na escrita das referências bibliográficas. Destacamos 8 referências que afirmaram ter tido dificuldade na escrita da norma e o mesmo número de referências referiram a dificuldade de inserir a citação bibliográfica e a inserir o autor e o ano. Salientamos 10 referências que denotaram dificuldade em inserir as referências bibliográficas no final do trabalho e o mesmo número de referências destaca a dificuldade de ter informação incompleta das referências. Por fim 6 referências destacam a dificuldade em inserir a página de uma citação, e não haver erros de ficar citado e não aparecer na bibliografia, ou aparecer na bibliografia e não ter sido citado no corpo do texto.

Assim, destacamos o tempo gasto na escrita das referências sem a utilização do EndNote na posição de alguns investigadores:

“Da forma como tenho neste momento, vai ser um processo moroso e penoso... se eu quero evitar isso, tenho que deixar o método mais tradicional e optar por uma ferramenta como o EndNote.” (MC)

“Se calhar, se fosse iniciar hoje o meu trabalho, eu usaria o EndNote, pois é uma ferramenta que nos ajuda na escrita e nos poupa tempo.” (RF)

Verificamos que a norma utilizada na maioria dos entrevistados que não utilizaram o programa também foi a norma APA (5th e 6th). Estes entrevistados sentiram algumas dificuldades na escrita da norma, pois tiveram que fazer manualmente, como relatam:

“No final tive um trabalho grande e demorado pois tinha 30 páginas de bibliografia e ter de rever tudo... foi um pesadelo...e foi extremamente doloroso para mim, pois tive de organizar tudo na norma correta APA 5th”... Eu apontava tudo sobre os artigos que lia, o autor, o volume, o título, as páginas, mas sem a preocupação de seguir nenhuma norma... só depois, quando tinha que escrever a referência é que via segundo a norma o que é que fica em itálico e o que é que vem antes... se é um artigo ou um livro...se leva pp... se tem vírgula e ponto...e essa parte é que foi demorada e complicada... e essas regras temos que seguir com rigor.” (RF)

“Tive dificuldades na escrita das normas, porque as diversas instituições usam diversas normas.” (LCR)

Os investigadores referiram que uma das suas dificuldades foi de ter a informação de referência incompleta o que é mais difícil acontecer quando se

usa o EndNote, pois preenchemos os campos que permitem que a referência não fique incompleta. Assim, destacamos alguns investigadores que não usaram o EndNote para a escrita das referências:

“Como já referi, para mim esta organização tornou-se um obstáculo, já que inicialmente não retirei dos artigos toda a informação de que necessitava, o que mais tarde me obrigou a rever tudo outra vez.” (CS)

“Sim, tive dificuldades, principalmente quando pesquisei em revistas...e depois pergunto-me - De onde é que tirei isto?” (LCR)

Quanto aos investigadores que referiram que uma das dificuldades na escrita de referências bibliográficas foi o inserir página de citação:

“Mas perde-se muito tempo a ler a tese toda e a verificar o que está referenciado...se as páginas correspondem na citação...”(RF)

“Assim, o EndNote, facilita e agiliza e acaba por poupar o nosso tempo, mas reduz a probabilidade de erro na escrita das referências (se é ponto, se é vírgula), erro na citação, na inserção de páginas.” (MCo)

Outra das dificuldades sentidas por investigadores que não usam o EndNote foi a de inserir autor e ano, como foi dito :

“Já me aconteceu referir o autor e esquecer-me de colocar a página e o ano, ou então citar o autor. Já tive algumas dificuldades...” (MC)

“Já me aconteceu não conseguir colocar a citação pois não sabia qual o autor, o ano e a página, porque li e não anotei...eu fui obrigada a não colocar as citações.” (LCR)

Os investigadores também relataram de que uma das desvantagens de não terem usado uma ferramenta como o EndNote para a escrita de referências bibliográficas tem a ver com o erro na citação bibliográfica, causado por erros de esquecimento de algum elemento ou de pontos ou vírgulas:

“E para além do tempo que demoramos, a probabilidade de erro é muito maior ao nível até das próprias regras de citação.” (MCo)

“...só depois, quando tinha que escrever a referência é que via segundo a norma o que e que fica em itálico e o que é que vem antes... se é um artigo ou um livro...de leva pp... se tem vírgula e ponto...e essa parte é que foi demorada e complicada... e essas regras temos que seguir com rigor.” (RF)

Outra das desvantagens de não ter usado o EndNote foi o facto de Inserir a referência bibliográfica, pois há investigadores que fazem referência a um autor e depois não o referenciam, ou podem referenciar no fim do texto, mas não aparece no corpo do texto. Assim, foi dito pelos investigadores:

“O processo de confirmação das referências foi um processo demorado, que poderia ter sido evitado. Tive várias versões do meu capítulo teórico. Se eu tivesse usado uma ferramenta, tinha a certeza de que não me esquecia de colocar uma referência. E os autores que eu referi estavam na bibliografia... Neste processo de revisão houve autores que saíram e outros que entraram...” (SG)

3.2.4 Análise das desvantagens da não utilização do EndNote na organização da bibliografia

Na imagem 4 apresentamos a estrutura das categorias e subcategorias relativamente às desvantagens de não utilizar o EndNote na organização de

referências bibliográficas. Os resultados revelam o número de referências mencionadas pelos entrevistados, que não utilizaram o EndNote.





▼  Desvantagens na organização das referências	<input type="checkbox"/>	Codificação	0
 Pesquisa de referências bibliográficas	<input type="checkbox"/>	Codificação	8
 Visualização de um texto integral	<input type="checkbox"/>	Codificação	4
 Visualização do resumo	<input type="checkbox"/>	Codificação	3

Imagem 4: **Desvantagens na organização de referências bibliográficas por investigadores que não utilizaram do EndNote**

Quanto às desvantagens na organização das referências, 3 referências indicaram a visualização rápida de um resumo, 4 referências de um texto integral de um documento e 8 referências indicaram como desvantagem a visualização/ pesquisa rápida de uma referência bibliográfica que já tinha sido pesquisada, para o trabalho. O facto de terem os documentos em pastas de dossiê e as referências anotadas em cadernos, não lhes permite uma rápida visualização dos textos ou resumos e de uma rápida pesquisa da referência bibliográfica. Há muitos que referem que se usassem o EndNote e tivessem o texto anexo, não tinham essa dificuldade de pesquisa e de visualização.

Os investigadores referiram:

“Eu às vezes, em relação aos meus textos que imprimo e coloco em pastas, ou que tenho no computador, demoro mais tempo do que queria e do que devia a encontrá-los. Se os tivesse anexos ao EndNote, claro que demoraria muito menos tempo!... Já dei por mim a ter que pesquisar novamente esse texto...” (MC)

“Se eu já consultei, vou ao meu ficheiro onde tenho todas as minhas referências por ordem alfabética, para ser mais fácil depois. Mas mesmo assim, como não tenho o ficheiro atualizado, não se torna eficaz.” (MCo)

“Às vezes é rápido pois consigo ver logo em que obra está, mas às vezes penso que está numa obra e não está, e obriga-me a um percurso de busca mais longo. Se eu tivesse colocado no EndNote, sei que era só pesquisar e via a referência...” (LCR)

“Para mim não foi muito fácil aceder a um resumo ou a um texto integral.” (CS)

3.2.5 Análise global do EndNote

Na imagem 5 apresentamos a estrutura das categorias e subcategorias relativamente à análise global feita pelos investigadores. Os resultados revelam o número de referências mencionadas pelos entrevistados, que utilizaram o EndNote.

▼ Avaliação	<input type="checkbox"/>	Codificação	0
Agilidade/ processamento	<input type="checkbox"/>	Codificação	10
Instalação fácil	<input type="checkbox"/>	Codificação	9
Utilidade	<input type="checkbox"/>	Codificação	8
amigável	<input type="checkbox"/>	Codificação	9

Imagem 5: Análise global do EndNote

No que concerne à análise global do EndNote, na perspetiva dos investigadores que o utilizaram, 8 referências analisaram com muito bom e 2

com bom. Devido as suas vantagens já aqui analisadas, 10 investigadores referiram a sua utilidade e o mesmo número de referências referiu o facto de processar rapidamente os dados inseridos na base do programa. Foram 9 as referências que indicaram ter tido uma instalação fácil e 9 de ser amigável. Como foi referido:

“O EndNote como gestor de referências bibliográficas é muito bom.”
(DNC)

“Apercebi-me logo da sua utilidade, pois eu já tinha feito Mestrado sem utilizar nenhuma ferramenta e percebi assim a sua utilidade e comecei logo a usar.” (VC)

“A instalação é feita rapidamente e o programa faz a instalação sozinho.”
(JR)

“Eu, neste momento, considero que o EndNote é bastante amigável.” (FL)

“...se encontramos algum erro, alteramos no EndNote e o software altera logo a referência.” (FL)

3.2.6 Recomendações dos investigadores

Na imagem 6 apresentamos a estrutura das categorias e subcategorias relativamente a recomendações quanto à organização das referências bibliográficas feita pelos investigadores. Os resultados revelam o número de referências mencionadas pelos entrevistados, que usaram o EndNote e que não usaram o EndNote.

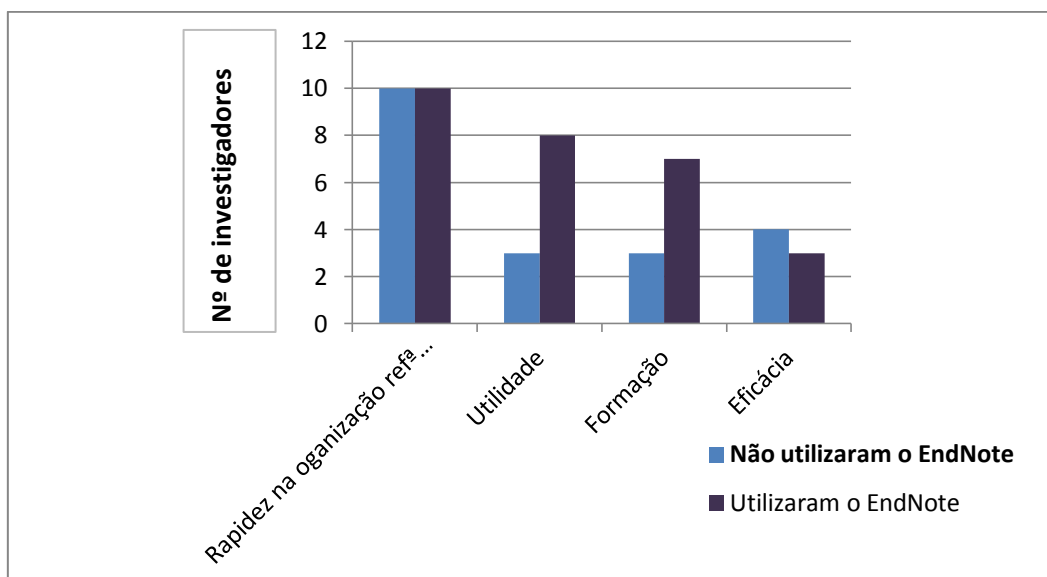


Imagem 6: **Recomendações feitas por investigadores**

Uma das questões colocadas na Entrevista foi de recomendações sobre as ferramentas tecnológicas, como o EndNote, e as respostas foram as que estão na imagem 6. Assim, quanto às recomendações feitas pelos investigadores quanto ao uso do EndNote, podemos dizer que foram unânimes em afirmar que, quanto à rapidez na organização das referências bibliográficas com o *software*. Na imagem 6, é visível que os investigadores que usaram o EndNote têm uma maior experiência na utilização do *software*, para poderem recomendar o uso desta ferramenta tecnológica, quanto à sua utilidade, eficácia e necessidade de formação. Pode-se confirmar que foi dito por investigadores que usaram o EndNote:

“Recomendo o EndNote para aqueles que estão a iniciar uma investigação. Devem começar a usar logo de início, pois facilita muito e poupa muito tempo. Não temos que nos preocupar com esta parte das referências ficarem corretas.” (VC)

“Aconselho a utilizar o EndNote logo no início do seu trabalho de investigação e tirar a formação antes de começar utilizá-lo.” (TG)

Os investigadores que não utilizaram o EndNote tiveram uma opinião idêntica, *pois referem* :

“Considero que as referências bibliográficas colocadas num programa como o EndNote facilitam uma revisão da literatura.” (CS)

“Recomendo a utilização de ferramentas, como o EndNote, o que é bom, pois facilita a organização das referências.” (SG)

“Embora faça manualmente, eu não deixo de reconhecer que essas ferramentas, como o EndNote, podem facilitar bastante o nosso trabalho.” (LM)

“É importante que saibam como usar o EndNote, que ajuda na fase de organização da escrita e na organização da bibliografia. Foi o que eu disse, se pudesse voltar atrás usava o EndNote... E em termos de uniformização ajuda muito.” (SG)

“Mas o EndNote tem que ser utilizado desde o início, porque depois, se já tem algumas referências escritas, acontece como me aconteceu a mim, perde-se a vontade...” mas depois acrescenta, “Se calhar se fosse iniciar hoje, eu usaria o EndNote, pois é uma ferramenta que nos ajuda na escrita e nos poupa tempo. Há ferramentas como o EndNote e outras que são importantes para o nosso trabalho.” (MC)

3.2.7 Tempo gasto a inserir dados no EndNote

Quanto aos investigadores que usaram o EndNote, foram unânimes em referir que a demora a inserir os dados no programa iria ser compensado mais tarde, pois como muitos referem, as referências aparecem no fim do texto, uniformizadas e com as normas exigidas, como se pode ler nos comentários:

“Porque poupamos tempo, pois já tenho os dados inseridos. E é rápido depois ir buscar os dados que inseri. Se tivesse que fazer manualmente iria demorar muito mais tempo.” (MJM)

“Aparentemente perde-se algum tempo a introduzir os dados, mas o tempo que se recupera é compensador e vale a pena o sacrifício...” e adianta, “Porque se ganha muito em tempo de trabalho numa fase posterior.” (FL)

Esta questão não foi colocada aos investigadores que não utilizaram o EndNote, mas eles referiram no decorrer da entrevista, que o tempo que se demora a inserir os dados no computador, pode ser compensado na organização das referências bibliográficas:

“Se calhar iria perder muito tempo.”

Mas no final da Entrevista o mesmo investigador refere que,

“Talvez tenha sido falta de hábito meu não ter usado desde o início e agora já vou num estágio muito avançado para começar a usar o EndNote, pois já tenho a minha base de dados e já é tarde para introduzir no EndNote todos os dados. Se calhar iria perder muito tempo. Se eu já tivesse tudo colocado no EndNote de início iria facilitar o meu trabalho final de revisão bibliográfica.” (LM)

Outro investigador refere:

“Faço com o meu método, pois acabo por perder mais tempo colocar lá os dados no EndNote.” (AVB)

Mas tem consciência da importância do EndNote quando relata que:

“O EndNote pode ajudar a sistematizar e a organizar. Pode ser uma mais-valia. Isso também vai depender da prática, do tempo, se a pessoa está habituada a usar ferramentas tecnológicas.”
(AVB)

3.2.8 Dependência em relação ao uso do EndNote

Nas Entrevistas, uma das questões que foram abordadas, foi em relação à dependência do uso do EndNote nos trabalhos de investigação e seis dos dez entrevistados referiram que, sentiam uma certa dependência, pois como tinham uma base de dados criada, poderiam usar em investigações futuras, ou referem que como não sabem as regras das normas, não prescindem do EndNote para a referenciar com as regras exigidas ou mesmo devido ao tempo que se perde na escrita das referências bibliográficas. A questão foi a seguinte: Sente-se dependente do EndNote para a escrita de um artigo ou outro documento de investigação? Porquê? Ficam de seguida algumas respostas:

“Sim, totalmente, pois todas as minhas referências bibliográficas estão no EndNote.” (MJM)

“Sim, completamente. Porque é que eu vou estar uma hora e meia ou mais para escrever as referências num trabalho, se eu posso usar uma ferramenta que faz isso automaticamente?”
(DCN)

“Sim, completamente. Não consigo organizar a informação que pretendo ao escreve um artigo sem a utilização do EndNote.”
(CG)

“De certa forma sinto-me dependente uma vez que a minha base das referências está gravada no EndNote.” (TG)

Como referem outros investigadores:

“Neste momento sim, pois tenho a certeza que as referências no fim são citadas, pois é um processo automático. Quando tenho dúvidas, vou á minha biblioteca e consulto o nome do autor, o artigo. E, se neste momento tivesse que fazer um artigo sem o uso do EndNote, iria ser um processo muito moroso.” (VC)

“ Não diria dependente, mas caso volte a fazer qualquer tipo de investigação e salvo a existência de melhor programa, recorrerei a ele mais uma vez.” (ML)

3.2.9 Dificuldades Iniciais

Muitos investigadores não usaram nenhuma ferramenta tecnológica, como o EndNote, para a organização das suas referências bibliográficas, pois 2 investigadores tiveram dificuldades iniciais na linguagem usada, 5 investigadores o estado avançado da investigação, 3 na demora a inserir os dados e 2 referiram a relutância em usar as tecnologias.

Assim, quanto à linguagem, foi referido:

“Uma das dificuldades que tive foi do software estar em Inglês, e ficamos sem saber o que preenche naquele campo específico.” (ARC)

“Se calhar iria perder muito tempo.” (SP)

Mas no final da entrevista o mesmo investigador (SP) refere:

“Talvez tenha sido falta de hábito meu não ter usado desde o início e agora já vou num estágio muito avançado para começar a usar o EndNote, pois já tenho a minha base de dados e já é tarde para introduzir no EndNote todos os dados. Se calhar iria perder muito tempo. Se eu já tivesse tudo colocado no EndNote de início iria facilitar o meu trabalho final de revisão bibliográfica.”

Outro investigador refere:

“Faço com o meu método, pois acabo por perder mais tempo colocar lá os dados no EndNote.” (AVB)

Mas tem consciência de que o EndNote ajuda na sistematização e organização das referências, quando relata:

“O EndNote pode ajudar a sistematizar e a organizar. Pode ser uma mais-valia. Isso também vai depender da prática, do tempo, se a pessoa está habituada a usar ferramentas tecnológicas.” (AVB)

E também há investigadores que referiram que, pode haver uma relutância no uso das novas tecnologias, como refere o investigador:

“Não há impeditivo nenhum ao uso o EndNote. Pode haver é alguma relutância pessoal para com os programas e as novas tecnologias. Mesmo da pouca utilização que eu tenho do programa, pois fiz uma formação, reconheço toda a vantagem em o utilizar. E sim, se as tecnologias são para nos facilitar a vida, então temos mesmo que as utilizar...” (MC)

3.2.10 Organização das referências bibliográficas manualmente

Os investigadores que não utilizaram o EndNote, têm estratégias para fazer essa organização, que passa por organizar em pastas ou fazendo anotações, como referem:

“Organizei por pastas no computador toda a informação que tinha.” (SP)

“Eu, à medida que leio, faço um glossário e depois tenho na minha estante todos os livros que são referentes a diálogo intercultural, a educação... Divido por temas e por assuntos. Coloco sempre por áreas e ainda não tenho nada no computador...” (LCR)

3.2.11 Importância do EndNote

Foram colocadas questões sobre a importância do EndNote para a investigação e os investigadores foram unânimes quanto à investigação ser facilitada pelo uso de uma ferramenta tecnológica, como o EndNote, nesta categorização, foram codificadas 77 referências (39 que não utilizaram o EndNote e 38 que utilizaram o EndNote). Foram colocadas as questões (1) e (2) aos investigadores que fizeram a sua organização das referências manualmente e a (1) também aos que usaram o EndNote:

(1)Que conselhos ou sugestões daria a estudantes e/ ou investigadores para ser mais eficaz a revisão de literatura?

(2)Fez a sua revisão manualmente, mas considera importante conhecer as ferramentas tecnológicas? Porquê?

Os investigadores que não usaram o EndNote, mesmo que tenham usado outras estratégias para organizar as referências bibliográficas, tais como, colocar logo num documento do Word as referências usadas no trabalho,

colocar já por ordem alfabética, anotar a referência na fotocópia ou livro onde pesquisou ou sublinhar a referência, anotar num caderno, em fichas de leitura, deram as seguintes respostas:

“À medida que eu vou escrevendo, vou logo colocando as referências bibliográficas no trabalho o que faz com que não perca registos e que vá sempre acompanhando.” (AVB)

“Também fui organizando uma lista num documento do Word normal por ordem alfabética, como se já fosse a minha lista de referências bibliográficas.” (SG)

Mas, referiram a importância do uso do EndNote, na organização e uniformização:

“Para a organização das referências, como é uma coisa mais mecânica, tanto o EndNote como o Mendeley poderão ser muito úteis.” (AVB)

“Se pudesse voltar atrás usava o EndNote... E em termos de uniformização ajuda.” (SG)

“Uso as fichas de leitura, mas admito que essas ferramentas facilitam muito o trabalho.” (LM)

“Considero que as referências bibliográficas colocadas num programa como o EndNote facilitam uma revisão da literatura.” (CS)

Os investigadores aconselharam os investigadores ou estudantes que deveriam usar o EndNote, para facilitar o trabalho:

“No séc. XXI temos tecnologias que nos ajudam a fazer um trabalho que antes era feito manualmente. São ferramentas muito úteis e

ágeis na investigação e pode facilitar o nosso trabalho como investigador.” (JR)

3.2.12 Aspetos do EndNote que mais gostou e que menos gostou

Como este item fez parte do guião numa questão sobre “Aspetos do EndNote que mais gostaram ” e as respostas já terem sido categorizadas nas vantagens da organização e da escrita das referências bibliográficas nos itens 3.2.1 e 3.2.2 não há necessidade de reforçar o que foi dito atrás.

Quanto aos investigadores que utilizaram o EndNote referiram, que o que menos gostaram no EndNote, pois a questão foi levantada no guião de entrevista sobre “Aspetos do EndNote que menos gostou”, e as respostas foram pouco significativas, pois só uma referência foi codificada, nas seguintes categorias de linguagem, dificuldade de funcionalidades e iliteracia digital.

Quanto à linguagem, o investigador refere:

“Há a questão de ser em Inglês, mas não é uma questão da pessoa não saber inglês, mas os menus em inglês com os termos mais técnicos que pode trazer algumas dificuldades...” (FL)

No que refere à dificuldade de funcionalidades, em que o investigador relata:

“Ainda tenho dificuldades em exportar os dados de um documento para o EndNote.” (SR)

Quanto à iliteracia digital, em que o investigador refere:

“ A iliteracia digital é uma realidade, que torna difícil a utilização do EndNote.” (FL)

CAPÍTULO IV – CONCLUSÕES E LIMITAÇÕES DO ESTUDO

4.1 Conclusões

Na atualidade, com as novas tecnologias, há procedimentos que se adquiriram, que podem ser alterados no nosso dia a dia, pois, podemos utilizar as facilidades e as utilidades de uma ferramenta tecnológica, como o EndNote para facilitar a organização das referências bibliográficas.

Os investigadores que utilizaram o EndNote são maioritariamente das áreas de multimédia, possivelmente pela sua experiência e área de investigação que tem mais apetência para as novas tecnologias, como afirmaram.

Neste trabalho sobressai a ideia de que o EndNote é um *software* que facilita muito o trabalho do investigador, pois é um bom gestor de referências bibliográficas, como é referido pela literatura internacional. Os resultados confirmaram que o tempo que os investigadores gastam a introduzir os dados no EndNote é recompensado com o tempo depois que se ganha na organização e na escrita das referências bibliográficas. Assim, mesmo os investigadores que não utilizaram esta ferramenta para a organização das referências, salientaram o facto de que deveriam ter gasto tempo a inserir os dados numa ferramenta tecnológica de organização de referências, pois no final do trabalho ter que verificar todas as referências manualmente torna-se um trabalho penoso e moroso.

Outra das conclusões a que se chega é que, como na escrita das referências bibliográficas temos que ter em atenção a norma usada e as regras, o rigor é muito importante. Neste aspeto, na perspetiva dos entrevistados o EndNote torna-se uma mais-valia. Os investigadores não precisam dominar as regras das normas de referências, dedicando o tempo à própria escrita, à pesquisa e à própria investigação.

A importância do EndNote como uma ferramenta de apoio à investigação, foi evidenciada por todos os entrevistados. Todos o recomendaram para os estudantes que estão a iniciar-se na escrita de trabalhos científicos. Referiram que devem fazer uma formação para o começar a utilizar, mas que facilita em muito o trabalho e a organização das referências bibliográficas.

Apesar de na literatura internacional Muldrow e Yoder (2009 citado por Silva et al., 2011) apontar o preço do *software* como uma desvantagem, os entrevistados apontaram a vantagem de na Universidade de Aveiro o acesso ser gratuito. Só os mais renitentes ao uso das tecnologias resistem à utilização do programa. No entanto, revelam as vantagens da sua utilização e do quanto as tecnologias têm facilitado a vida e o trabalho.

Mesmo os investigadores que não utilizaram o EndNote devido a dificuldades iniciais que se relacionaram com linguagem, estado avançado da investigação e demora em inserir dados, foram unânimes em destacar as vantagens que teriam tido se tivessem usado o programa, principalmente em relação ao tempo e ao *stress* causado pelo trabalho demorado da organização das referências bibliográficas manualmente.

De referir ainda que, no final das entrevistas com os investigadores que não utilizaram o EndNote na organização das referências bibliográficas, ficou a nítida sensação que o próximo passo desses investigadores será de fazer uma formação na Universidade de Aveiro, disponibilizadas na Biblioteca desta instituição e começar a utilizar o programa nos próximos trabalhos de investigação.

4.2 Limitações do estudo

Consideramos que uma das limitações constatadas neste estudo foi o facto de ter sido utilizado apenas um único método de recolha de dados. No

entanto, acreditamos que, agregando outras técnicas de recolha de dados, com o aumento do público-alvo ou fazendo um questionário poder-se-á tirar conclusões mais pertinentes acerca da posição dos investigadores sobre a utilização de ferramenta tecnológica na organização das referências bibliográficas.

As limitações do estudo são devido a ter usado apenas um método de recolha de dados, 20 entrevistas, mas como numa análise qualitativa a quantidade das entrevistas não importa, mas sim o contributo para a investigação dado pelos entrevistados e com as perguntas de resposta aberta aos participantes, podemos explorar mais sobre o assunto em estudo.

4.3 Sugestões para investigações futuras

Das entrevistas realizadas, foi notório a preocupação dos investigadores sobre a altura do seu percurso académico em que os estudantes tomam conhecimento das regras para a escrita de um texto científico.

Nas entrevistas emergiram questões como:

- Quando é que os estudantes começam a ter informações sobre as ferramentas tecnológicas para a investigação e a sua importância?
- Quando é que se começa a obter informações sobre o EndNote, Webqda, Anti- plágio, SPSS, Excel e a utilização do Moodle?

Estas questões poderão servir de sugestão para futuras investigações, já que as novas tecnologias, inclusive as ferramentas mencionadas, tornam-se, cada vez mais, de forma transversal a todas as áreas científicas, essenciais para o desenvolvimento e produção académica.

Com estas questões que emergiram das entrevistas e devido ao PTE implementado nas escolas, seria pertinente desenvolver projetos usando o

espaço da Biblioteca Escolar para sensibilizar os alunos do Ensino Secundário sobre as novas tecnologias que poderão ser úteis no Ensino Superior.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agrawal, A. (2006). *EndNote 1-2-3 Easy! Reference Management for the Professional*: Springer Science + Business Media, Inc.
- Alves, B. (1998). *A pesquisa em psicologia- análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico*. Ribeirão Preto.
- APA. (2012). Anexo 4 - Normas para a elaboração de Bibliografias, Referências Bibliográficas e Citações –APA (American Psychological Association), from http://www.acenfermeiros.pt/docs/normas_apa.pdf
- Area, M. (2000). La Tecnología Educativa em Espana: apuntes sobre lineas de investigación actuales. *Revista InterUniversitária de Tecnologia Educativa*.
- Barbosa, I. (2009). *Potencialidades da Disciplina de TIC para a mudança de Práticas Educativas: Um estudo de caso no 3º ciclo do Ensino Básico*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo* (3ª ed.). Lisboa: Edições 70.
- Bell, J. (2010). *Doing Your Research Project* (5th ed.): McGraw Hill.
- Benavente, A., Rosa, A., Costa, A., & Ávila, P. (1996). *A Literacia em Portugal. Resultados de uma Pesquisa Extensiva e Monográfica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Bhola, H. (1998). Literacy. In J. Feather & Sturges.P. (Eds.), *Internacional Encyclopedia of Information and Library Science* (pp. 277-280). London: Routledge.
- Castels, M. (1996). *The Rise of the Network Society*. Cambridge: Blackwell Publishers.
- Castels, M. (2000). A era da informação: economia, sociedade e cultura. *Paz e Terra*, v.1.
- Castro, C. A. (2000). Profissional da informação: perfis e atitudes desejadas. *Informação & Sociedade*, v.10.
- Cornella, A. (2001). *Cómo sobrevivir a la infoxicación*. Paper presented at the Conferencia del acto de entrega de títulos de los programas de Formación de Posgrado del año académico 1999-2000. www.infonomia.com/img/pdf/sobrevivir_infoxicacion.pdf
- Coutinho, C. (2009). Information and Communication Thecnology. In D. Mukherjee (Ed.), *Information and Communication Thecnology- Changing Education*. Hyderabad: The Icfai University Press.

- Cunha, M. B., & Cavalcanti, C. R. O. (2008). *Dicionário de biblioteconomia e arquivologia*. Brasília: Briquet de Lemos.
- Cysneiros, P. (1999). Novas tecnologias na sala de aula: Melhoria do ensino ou inovação conservadora? *Informática Educativa*, vol 12(1), 11-24.
- Dalfovo, M. S., Lana, R. A., & Silveira, A. (2008). Métodos quantitativos e qualitativos: Um resgate teórico. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, 2, 01- 13.
- Erlandson, D., Harris, E., & Skipper, B. (1993). *Doing naturalistic inquiry*. London: Sage.
- Eshet, A. (2004). Digital Literacy: A Conceptual Framework for Survival Skills in the Digital Era. *Jl. of Educational Multimedia and Hypermedia*, 13(1), 93-106.
- Gantz, J., & Reinsel, D. (2010). The Digital Universe Decade- Are you ready? . *IDC-Analyse the Future.*, 38.
- García, E. (2007). Gestores personales de bases de datos de referencias bibliográficas: características y estudio comparativo. (Spanish). [Article]. *Personal managers of bibliographic reference data bases: Characteristics and comparative analysis. (English)*, 16(6), 647-656. doi: 10.3145/epi.2007.nov.12
- Garcia, E., & Saad, M. (2010). Novas ofertas de produtos aos usuários da divisão de biblioteca e documentação da ESALQ/USP: A contribuição do sistema de gestão para identificação das necessidades e oportunidades.
- García, J., Roderó, H., & Arévalo, J. (2009). Gestores de referencias de última generación: análisis comparativo de RefWorks, EndNote Web y Zotero. (Spanish). [Article]. *Generation reference management software: comparative analysis of RefWorks, EndNote web and Zotero. (English)*, 18(4), 445-454. doi: 10.3145/epi.2009.jul.14
- Given, L. M. (2008). *The SAGE Encyclopedia of Qualitative Research Methods*. London: SAGE.
- Gouveia, L., & Gaio, S. (2004). *Sociedade da Informação- Balanço e implicações*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo- Sentidos e formas de uso* (1ª ed.). Cascais: Princípia Editora, Lda.
- Hammes, E. (2011). *Orientações e normas para trabalhos científicos-Conforme ABNT 2011*. Rio Grande.
- Kessler, J., & Ullen, M. (2005). Citation generators: generating bibliographies for the next generation". *Journal of academic librarianship*, v.31,n.4.

- Lopes, P. (2011). Literacia(s) e literacia mediática [working paper nº 110/2011]. *CIES IUL- Centro de Investigação e estudos de sociologia. Instituto Universitário de Lisboa*.
- Marques, V. (2009). *Os Quadros Interativos no ensino da Matemática*. Mestrado, Universidade Portucalense Infante D. Henrique.
- Marsails, S., & Kelly, J. (2004). Building a RefWorks database of faculty publications as a Liaison and collection development tool. *Issues in Science and Technology Librarianship*, 40.
- Matos, J. R. (2010). Estudo Aprendizagem Informal e utilização das TIC nas PME Portuguesas- Síntese. Roberto Carneiro(Coord.). *Associação Industrial Portuguesa-Confederação Empresarial. Apoio: Universidade Católica/CEPCEP*, p.9-13.
- Mattelart, A. (2003). *The Information Society*. London: Sage Publications.
- Ministério Ciência Tecnologia. (1997). *Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal*.
- Ministério da Educação. (2008). Plano Tecnológico da Educação Retrieved 11 outubro 2012, from <http://legislacao.min-edu.pt/np4/159>
- Muldrow, J., & Yoder, S. (2009). Out of cite! How reference managers are taking research to the next level. *Political Science & Politics, Washington*, v. 42, 167-172.
- Pinto, M. (2002). *Práticas educativas numa sociedade global*: ASA.
- Quivy, R. (1992). *Manual de investigação em Ciências Sociais* (J. Marques & M. A. Mendes, Trans. 1ª ed.): Lisboa, Gradiva, Publicações Lda.
- Ramos, R. C. (2009). Construção de coleção da produção científica da UFSCar (pp. trabalho de final de curso- Bacharelato em Biblioteconomia e Ciência da Informação). Universidade Federal de São Carlos.
- Rokni, L., Ahmad, A., & Rokni, M. (2010). A comparative analysis of writing scientific references manually and by using Endnote bibliographic software. [Comparação entre o uso do Endnote e manualmente na escrita de artigos científicos.]. *Pak J Med Sci*, 26(n.1), 229-232.
- Romanelli, G., & Alves, B. M. (1998). *Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa*. Ribeirão Preto: Legis Summa.
- Rosa, M., & Arnoldi, M. (2006). *A Entrevista na Pesquisa Qualitativa - Mecanismos para validação de resultados* (1ª ed.). Belo Horizonte: Autêntica.

- SCONUL. (2011). The Seven Pillars of information Literacy: Core model. *Working Group on Information Literacy*, 14. Retrieved from http://www.sconul.ac.uk/groups/information_literacy/seven_pillars.html
- Siegler, S., & Simboli, B. (2002). EndNote at Lehigh. *Issues in Science and Tecnology Librarianship*, 3.
- Silva, E. G., Andretta, P. I. S., & Ramos, R. C. (2011). Novas práticas na gestão de informação bibliográfica: Estudo sobre a capacidade de gestores de referências no cotidiano dos estudantes, pesquisadores e bibliotecários. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis*, 16, 419-445.
- Souza, F., Costa, A. P., & Moreira, A. (2011a). *Análise de dados qualitativos suportados pelo software WebQDA*. Paper presented at the Atas da VII Conferência Internacional de TIC em Educação: Perspetivas de Inovação(CHALLENGES 2011), Braga.
- Souza, F., Costa, A. P., & Moreira, A. (2011b). WebQDA-Software de apoio à análise qualitativa (CIDTFF- Centro de Investigação Didáctica e Tecnológica de Formação de Formadores ed., pp. 6). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Stewart, D., & Shamdasani, P. (1997). Focus group research: exploration and discovery. In L. Bickman (Ed.), *Handbook of applied social research nethods* (pp. 505-526). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Teixeira, E. (2005). *As três metodologias:acadêmica, da ciência e da pesquisa*. Petrópolis: Vozes.
- Thomson Reuters. (2012). Endnote Retrieved 12 outubro 2012, from http://thomsonreuters.com/products_services/science/science_products/a-z/endnote/
- Trentini, M., & Paim, L. (1999). *Pesquisa em Enfermagem. Uma modalidade convergente-assistencial*. Florianópolis: Editora da UFSC.
- UNESCO. (2007). Understanding Information Literacy: A Primer In UNESCO (Ed.). Paris: IFAP- Information for All Programme. Communication and Information Sector.
- Universidade Aveiro. (2012). EndNote Retrieved 10 outubro 2012, from <http://www.ua.pt/sbidm/biblioteca/PageImage.aspx?id=10079>

- Universidade de Aveiro. (2010). Referências bibliográficas: manual de normas e estilos. In U. Aveiro. (Ed.). Aveiro: Serviços de Biblioteca, Informação Documental e Museologia.
- Universidade do Porto. (2012). Produção científica da Universidade do Porto indexada na web of Science- Book Citation Index.
- Vieira, A. (2005). *Educação e a Sociedade da Infomação: Uma perspectiva crítica sobre as TIC num contexto escolar*. Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia.
- Vieira, P. (2008). *As TIC no apoio à gestão escolar e na interação com a comunidade. Estudo de caso numa Escola Secundária*. Mestrado, Universidade Aberta, Lisboa.
- Weiss, R. (1994). *Learning from strangers. The art and method of qualitative interview studies*. New York: The Free Press.

6. APÊNDICE

6.1 Quadro X – Objetivos do uso do EndNote

Quadro X– Objetivos das questões da entrevista para investigadores que utilizam ferramenta tecnológica(EndNote).

	Objetivos	Questões
I-Dados Pessoais	Recolher elementos que permitam fazer uma caracterização do perfil dos investigadores no que respeita à idade, género, fase da investigação e área profissional	1,2,3, 35
II- Utilização da ferramenta tecnológica para organizar as referências bibliográficas e estratégias usadas	Recolher informação sobre as estratégias utilizadas pelos investigadores	4,5
	Recolher informação sobre a utilização das ferramentas tecnológicas pelos investigadores	6,7,8
	Averiguar sobre o conhecimento das potencialidades do EndNote.	12
	Averiguar o uso da ferramenta tecnológica para organizar e selecionar as referências bibliográficas.	9,10,11
	Averiguar se tira notas no EndNote.	22
	Averiguar quantos investigadores utilizam a ferramenta.	30
III- Avaliação das Estratégias	Avaliar as dificuldades sentidas no uso de uma ferramenta tecnológica.	28
	Avaliar se o <i>software</i> facilita a seleção e a organização da bibliografia.	14,15
	Avaliar as facilidades sentidas no uso de uma ferramenta tecnológica.	27
	Avaliar se com as potencialidades do EndNote facilitam a revisão de literatura (escrita de citações, inserção de páginas de uma citação, aceder a um resumo e aceder e aceder a um texto integral.	16,17, 18,19, 21,23

IV- Avaliação das ferramentas tecnológicas	Avaliar a agilidade da ferramenta.	29
	Avaliar globalmente o <i>software</i> .	34
	Avaliar as dificuldades de instalação da ferramenta	25
	Avaliar de que forma se sente dependente na escrita de trabalhos de investigação.	13
	Avaliar a rapidez de inserir os dados no <i>software</i> . (Manualmente, exportar e importar).	20
V- Importância das ferramentas tecnológicas	Recolher informação sobre conselhos e recomendações a ter em conta numa investigação.	31,32
	Reconhecer a importância do computador numa investigação.	26

6.2 Quadro Y – Objetivos de não usar o EndNote

Quadro Y – Objetivos das questões da entrevista para investigadores que não utilizam ferramenta tecnológica.

	Objetivos	Questões
I-Dados Pessoais	Recolher elementos que permitam fazer uma caracterização do perfil dos investigadores no que respeita à idade, género, fase da investigação e área profissional	1,2,3, 25
II- organização das referências bibliográficas e estratégias usadas	Recolher informação sobre as estratégias utilizadas pelos investigadores	4,5
	Averiguar se está a usar alguma ferramenta tecnológica para a organização da bibliografia.	6
	Averiguar se tira notas do documento que leu.	14
	Averiguar como organizar, gerir e inserir as referências bibliográficas.	7,9
	Averiguar como inserir uma página numa citação.	18
	Averiguar como citar um autor	8
	Averiguar qual a norma utilizada na investigação.	17
III-Avaliação das estratégias	Avaliar as dificuldades sentidas na revisão bibliográfica.	20
	Avaliar as estratégias de organização manual.	16
	Avaliar quantos investigadores não utilizam uma ferramenta tecnológica	21
	Avaliar se foi fácil aceder a um resumo e a um texto integral de um documento.	12,13
	Avaliar se fez uma pesquisa rápida de uma referência bibliográfica.	15
	Avaliar se foi fácil escrever todos os dados relativos a uma referência havendo vários formatos.	11
	Avaliar se teve dificuldade em recuperar informação perdida de uma referência.	19

IV- Importância das ferramentas tecnológicas	Recolher informação sobre conselhos e recomendações a ter em conta numa investigação.	22,23
	Reconhecer a importância de conhecer as ferramentas tecnológicas.	24
	Reconhecer a importância do computador numa investigação.	10

6.3 Guiões de entrevista

6.3.1 Guião da entrevista para investigadores que utilizaram o EndNote



Universidade de Aveiro

Mestrado em Didática – Especialização em Tecnologia

Ano letivo 2011/2012

GUIÃO DE ENTREVISTA

(Investigadores que utilizaram ferramenta tecnológica)

- 1- Qual a sua área de investigação?
- 2- Qual o tema em que está a trabalhar ou que trabalhou?
- 3- Já iniciou o processo de definição do quadro teórico para a sua dissertação/tese ?
- 4- Que estratégias utilizou para definir o seu quadro teórico ?
- 5- Que tipo de revisão utilizou?
- 6- Está a usar alguma ferramenta tecnológica(EndNote) para a revisão bibliográfica? Qual?
- 7- Qual foi a primeira vez que ouviu falar do EndNote? Decidiu logo conhecê-lo e utilizá-lo? Porquê?
- 8- Qual foi a versão da ferramenta EndNote que utiliza(ou) na revisão?
- 9- Como organizou a sua revisão da literatura no programa EndNote?
- 10- Quantas bibliotecas tem?
- 11-A biblioteca está dividida por áreas/temas? Porquê?

- 12-Conhece todas as potencialidades do EndNote? Utiliza todas? Porquê?
- 13-Sente-se dependente do EndNote para a escrita de um artigo ou outro documento de investigação ? Porquê?
- 14-O uso do EndNote facilita a organização das referências bibliográficas nos trabalhos de investigação? Porquê?
- 15-O uso do EndNote facilita a seleção da bibliografia nos trabalhos de investigação, na construção do referencial teórico? Porquê?
- 16-O uso do EndNote facilita a escrita de citações nos trabalhos de investigação? Porquê?
- 17-Teve ou tem dificuldade/facilidade em citar os autores? Porquê? Como ultrapassou essa dificuldade havendo vários formatos?
- 18-Considera que com o EndNote fez ou faz uma pesquisa rápida de uma referência bibliográfica? Como?
- 19-Sabe como inserir a página de uma citação? Acha que é um processo fácil ou difícil? Porquê?
- 20-Considera que foi rápido inserir todos os elementos referentes à publicação no EndNote?
- 21-Considera que foi rápido aceder a um resumo de uma publicação inserida no EndNote? Porquê?
- 22-Faz o fichamento (tira notas)no próprio EndNote? Porquê?
- 23-Considera que foi rápido aceder ou visualizar o texto integral de uma publicação inserida no EndNote? Porquê?
- 24-Considera que o software é amigável(fácil utilização)? Ou precisou fazer alguma formação para utilizá-lo? Porquê?
- 25-Teve alguma dificuldade em instalar o *software* no seu computador?
- 26-Como considera a sua relação com os computadores e tecnologias em geral?
- 27-Quais os aspetos da ferramenta tecnológica que mais gostou?

28-Quais os aspetos da ferramenta tecnológica que menos gostou? Na sua opinião, o EndNote apresenta algum problema para a sua utilização? Qual(ais)?

29-*O Software* EndNote é ágil no processamento dos dados? Porquê?

30-Quantas pessoas conhece que utilizam o EndNote? Mais de...10, 20 ...?

31-Recomendaria esta ferramenta tecnológica para estudantes e /ou investigadores que nunca tiveram conhecimento acerca do programa EndNote?
Porquê?

32-Que conselhos ou sugestões daria a estudantes e/ ou investigadores acerca do uso de ferramentas tecnológicas para a investigação? Porquê?

33-O tempo que gastou a inserir os dados com a ferramenta tecnológica foi ou será compensado em eficácia ou rapidez na revisão de literatura? Porquê?

34-Como avalia esta ferramenta tecnológica para a investigação? ☐Muito Bom ☐Bom ☐Suficiente ☐Insuficiente ☐ Mau

Idade:_____

Sexo: ☐F ☐M

Departamento:

Nível académico :

6.3.2 Guião da entrevista para investigadores que não utilizaram o EndNote



Universidade de Aveiro

Mestrado em Didática – Especialização em Tecnologia

Ano letivo 2011/2012

GUIÃO DE ENTREVISTA

(Investigadores que não utilizaram ferramenta tecnológica)

- 1- Qual a sua área de investigação?
- 2- Qual o tema em que está a trabalhar ou que trabalhou?
- 3- Já iniciou o processo de definição do quadro teórico para a sua dissertação/tese?
- 4- Que estratégias/ procedimentos utilizou para definir o seu quadro teórico?
- 5- Que tipo de revisão utilizou?
- 6- Está a usar ou usou alguma ferramenta tecnológica (EndNote) para a revisão bibliográfica? Porquê?
- 7- Como faz ou fez a organização das referências bibliográficas nos trabalhos de investigação?
- 8- Teve dificuldade em citar/referenciar os autores? Porquê? Como ultrapassou essa dificuldade havendo vários formatos?
- 9- Como é que fez a seleção da bibliografia nos trabalhos de investigação?

- 10-**Como considera a sua relação com os computadores e tecnologias em geral?
- 11-**Considera que foi ou é eficaz inserir numa ficha ou em notas todos os elementos referentes a uma publicação, livro, artigo ou tese? Porquê?
- 12-**Considera que foi fácil aceder a um resumo de um artigo de uma publicação, livro, artigo ou tese? Porquê?
- 13-**Considera que foi fácil aceder ao texto integral de um artigo de uma publicação, livro, artigo ou tese? Porquê?
- 14-**Faz ou fez o fichamento (tira notas) das leituras? Porquê? Onde coloca as notas que tira?
- 15-**De que maneira fez ou faz uma pesquisa rápida de uma referência bibliográfica?
- 16-**Considera que foi fácil a organização das referências bibliográficas? Porquê?
- 17-**Que norma bibliográfica usará ou usou na sua dissertação?
- 18-**Teve ou tem algum problema em colocar e retirar paginações numa citação? Quais?
- 19-**Teve dificuldades a recuperar informação de um livro, publicação , tese...que não foi previamente registada numa ficha(ex. :ano, editor, ISBN, pág.,...)? Porquê?
- 20-**Quais foram as maiores dificuldades na revisão de literatura?
- 21-**Quantas pessoas conhece que não utilizam ferramentas tecnológicas para a revisão de literatura?

22-Que recomendação faria a estudantes / investigadores para organizar as suas referências bibliográficas, citar/ referenciar autores, inserir páginas nas citações?

23-Que conselhos ou sugestões daria a estudantes e/ ou investigadores para ser mais eficaz a revisão de literatura?

24-Fez a sua revisão manualmente, mas considera importante conhecer as ferramentas tecnológicas? Porquê?

Idade:

Género: ☐F ☐M

Departamento:

Nível académico :